

1º de maio de 2011
Beatificação de João Paulo II

“Exorto-vos mais do que nunca
para partilhar a miséria do mundo contemporâneo
como vossos santos Fundadores o fizeram em seu tempo
e o fá-lo-iam ainda hoje.
A fonte vivificante de vosso serviço aos pobres é
a contemplação quotidiana do Cristo,
partilhando concretamente dos sofrimentos,
da insegurança, da rejeição, da humilhação,
da falta de esperança dos pobres.
Que a graça toda poderosa do Senhor faça maravilhas na vida de cada uma de vós,
Vida que já é e será mais ainda um apelo
- eu o desejo ardentemente -
para os jovens de nosso tempo,
particularmente sensíveis à miséria!”

João Paulo II às Filhas da Caridade, 27 de Maio de 1991

Sumário de março - abril de 2011

Vida espiritual

- 74 – Carta de 22 de fevereiro de 2011
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 76 – Carta da Quaresma 2011
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 82 – Carta de 14 de março de 2011
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 83 – Conferência preparatória para a Renovação: O significado do “sim”
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 94 – Conferência de 25 de março de 2011, Casa-Mãe
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 98 – “Deixemo-nos transformar pelo Espírito”
Padre Danjou, cm

Desafios atuais

Hoje com os Fundadores

Curso para adultos: um serviço de proximidade na escola católica São Vicente de Paulo em Phoenix, no estado do Arizona (EUA)
Irmã Patrícia Calica, Filha da Caridade

Atualidade das Províncias

118 - *Nomeações*

Visitadoras e Diretores provinciais

Testemunho das Irmãs

120 - Província do Haiti

A serviço dos doentes de cólera

Irmãs da Província

129 - Capela da Medalha Milagrosa

Bem-aventurado servo de Deus Dom Vladimir Ghika

Homilia de Dom Roku

127 - Província França Norte

Filhas da Caridade no centro de um bairro

Irmã Marie-Pierre Defay, Filha da Caridade

Beatificação

131 - Margarida Rutan, a Palavra de Deus, luz e força em sua vida!

Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

Irmã Evelyne Franc, Superiora Geral

CARTA DE 22 DE FEVEREIRO DE 2011

Minhas queridas Irmãs,

Com toda certeza vocês acompanham com esperança e ansiedade, os acontecimentos que, depois de algumas semanas, agitam certos países árabes. As Filhas da Caridade estão presentes em vários deles: Irã, Síria, Egito (Província do Oriente Médio), Líbia (Província de Pamplona), Tunísia, Argélia, Mauritânia (Província da África do Norte), Marrocos (Províncias de Granada e Sevilha).

As mudanças de regime político que aconteceram na Tunísia e Egito parecem positivas, mas muita incerteza permanece. As Irmãs das nove Comunidades do Egito e duas da Tunísia ainda não retomaram todas suas atividades e sofrem por não poderem prestar aos pobres seus serviços habituais; elas estão comovidas com os testemunhos de solidariedade recebidos e com as orações, que têm lhes sustentado nos momentos de angústia.

Na Líbia, o protesto e a repressão causaram um grande caos e peço-lhes intensificar suas orações para as cinco Irmãs de Tripoli que compõem a única Comunidade local do país. Três são espanholas, duas filipinas, elas estão a serviço dos migrantes vindos particularmente de Eritreia e outros países da África subsaariana e detidos em campos. Trabalham igualmente com os pobres doentes e alunos de uma escola reservada aos filhos de trabalhadores filipinos, que são numerosos na Líbia.

Termino esta carta de família com uma excelente notícia: o Padre Patrick Griffin, nosso Diretor geral, chegou a Paris no dia 17 de fevereiro, podendo assim se encontrar com as 23 novas Visitadoras, no final da sessão e participar do encerramento dos trabalhos com uma peregrinação a Chartres. Ele celebrou a Eucaristia na cripta nas intenções da Companhia, especialmente pelas Irmãs que prestam serviços nos países em dificuldade.

Com a certeza de minha oração nas suas intenções e minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

G. GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

QUARESMA 2011 A TODOS OS MEMBROS DA FAMÍLIA VICENTINA

Queridos Irmãos e Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo preencha os vossos corações agora e sempre!

Escrevendo esta carta da Quaresma para 2011, estou muito consciente dos frutos do ano jubilar que celebramos pelo 350º aniversário da morte de São Vicente e Santa Luísa. Espero que este ano nos permita aprofundar nossa relação com Deus, nossas relações entre nós como Família Vicentina, e em particular com os nossos Senhores e Mestres, os Pobres.

Como é do nosso conhecimento, a Quaresma é um tempo intenso para examinar nossas relações pessoais, na consciência de nossos limites e de nossas faltas. Sobretudo, é um tempo para nos voltarmos para os outros, e com certeza para Deus, para curar nossas relações, a fim de que nossos corações possam ser novamente preenchidos e transbordantes de Sua compaixão.

Recentemente, participei de uma oficina que a Comunidade de Santo Egídio organiza a pedido dos Bispos e amigos de Santo Egídio. O fundador deste magnífico movimento leigo, Andrea Riccardi, abriu o encontro com um discurso que se dirigia a todos os participantes mas, sobretudo aos Bispos, como pastores da Igreja. Ele tomou o Papa João Paulo II como modelo para os Bispos. O ponto essencial de sua partilha foi o exemplo que João Paulo II dava como homem de encontros, especialmente em seus encontros com Deus e com os pobres. É interessante ver que os Bispos presentes, em seus comentários, ficaram edificadas por esta reflexão simples, porém profunda. Eu mesmo fiquei edificado, mas meditei sobre o fato de que, em si, não havia nada que já não soubéssemos. Isto é, que o próprio Jesus Cristo nos ensinou; e como discípulos, somos chamados a imitá-Lo em sua relação única com o Pai e também, a imitar sua maneira de ir ao encontro das pessoas marginalizadas da sociedade.

Certamente, nosso próprio fundador, São Vicente de Paulo, nos chama a este encontro com Deus quando diz: "Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo!"¹ Chama-nos a esta profunda relação com o Pai, como era a do próprio Jesus. São Vicente nos diz também que: "a verdadeira religião, nós a encontramos entre os pobres"²; em outras palavras, neste encontro profundo com Deus, fazemos igualmente a experiência do nosso encontro com os pobres. E, como São Vicente no-lo afirma claramente, entre os pobres encontramos nossa salvação. Enquanto membros da Família Vicentina, peço que examinemos o duplo aspecto desta relação com Deus e com os pobres durante esta Quaresma.

Escutei recentemente uma canção bastante conhecida dos jovens de hoje, que exprime a necessidade última de recorrer a oração, especialmente quando olhamos ao nosso redor e vemos a imensidão de pessoas que sofrem. Existe também uma outra canção intitulada: "Born This Way", em português, "Nascido assim"; de Lady Gaga, que é um hino para as pessoas marginalizadas. Lê-se numa das estrofes: "Mesmo que as deficiências da vida tenham te excluído, discriminado, ou importunado, alegre-se e ame-se hoje, porque você nasceu assim". Estou particularmente tocado por ver quantos jovens centralizam sua atenção, não em si mesmos, mas sobre as necessidades daquelas e daqueles que são pobres, como nós também, observamos atentamente nosso mundo e todas as diferentes situações de sofrimento.

Dediquemos um tempo para aprofundar nossa relação com os pobres. Gostaria de comentar sobre várias situações que observei, durante minhas visitas como Superior geral, nos diferentes lugares onde a Família Vicentina realiza seu serviço e trabalha pela evangelização. O que me impressiona, como já disse em outras ocasiões, é que em cada sociedade existe um grupo particular que se escolhe como “bode expiatório”. Estes são os mais desprezados, os excluídos de sua própria sociedade. Verifiquei isto em cada continente. Por ocasião de minha recente visita à Etiópia, o Bispo, Dom Markos, nosso coirmão, falou-me de um grupo de pessoas que os Lazaristas e a Filhas da Caridade servem e que são considerados como os excluídos da sociedade etíope; há anos sofrem o desprezo e a discriminação, não somente aquelas e aqueles que com eles vivem dia a dia, mas constantemente também, das autoridades desse país. Fiz esta experiência no Vietnã, na Índia, no Congo e mesmo nos países desenvolvidos, como aqui na Itália. Recentemente, a sociedade italiana inteira abriu os olhos sobre a horrível situação, da enorme quantidade de ciganos que vivem na cidade de Roma em condições desumanas. Quatro crianças morreram queimadas por causa das condições miseráveis nas quais são obrigados a viver.

Durante uma celebração comemorativa que aconteceu em honra dessas quatro crianças, o Cardeal Vigário Agostino Vallini expressou-se fortemente em favor dos pobres e da necessidade de abrir os olhos sobre esta realidade, especialmente a dos imigrantes. Desafiou todas as pessoas presentes para examinarem suas consciências, tanto pessoalmente como enquanto comunidade cristã. Com certeza, muitas vezes, as pessoas imigrantes não querem deixar seu país de origem, mas o fazem para fugir da guerra, da fome, da violência a qual estão submetidos, procuram desesperadamente viver em paz e na dignidade. Não há dúvidas que a presença dos imigrantes em toda sociedade cria novos problemas, cada vez mais complexos e que não podemos avaliar de maneira simplista. Mas, como dizia o Cardeal, somos cristãos e não podemos não amar e não nos interessar pela vida daquelas e daqueles que vivem na pobreza, considerados os menores de nossos irmãos e marginalizados por nossa sociedade.

O Cardeal afirmou que são a presença real de Jesus Cristo. Ouvindo isto, pude imaginar claramente São Vicente dizendo a mesma coisa, à nós, membros da Família Vicentina, ver o Cristo nos pobres, e sobretudo entre os mais abandonados. Hoje, meus irmãos e irmãs, devemos enfrentar o desafio de ver estes pobres e responder-lhes: os sem abrigo, as crianças de rua, os prisioneiros, os imigrantes, as pessoas que sofrem com a desigualdade de gênero, as mulheres que são submetidas a discriminação, as mulheres e crianças, por sua vez, vítimas do tráfico sexual e do trabalho e as crianças soldados, um tema que gostaria de um dia desenvolver mais longamente. É inacreditável como nossa sociedade utiliza jovens crianças para usar armas, fazendo-as lutar por pessoas que buscam unicamente seus interesses políticos e próprios desejos. O que estamos fazendo para defender a vida destes inocentes? É horrível vê-los carregar armas mais pesadas que eles e que podem matar outras pessoas tão inocentes quanto eles. Em sua homilia, o Cardeal acrescentou que diante de todas as formas de pobreza presentes nas cidades, quer sejam antigas ou novas, devemos nos ajoelhar e pedir perdão a Deus, e não somente a Deus mas também, a todos os pobres pelo que não fomos capazes de fazer por eles.

Muitas vezes, olhando a situação das pessoas marginalizadas, excluídas, das quais já mencionei em cartas anteriores, sinto alegria no coração de ver que os membros da Família Vicentina, de uma maneira ou de outra, atendendo suas necessidades, unem-se a eles com o Amor que Deus colocou em seus corações pelos pobres. Neste tempo de Quaresma, perguntemo-nos: estamos fazendo tudo o que podemos por aquelas e aqueles que estão excluídos de nossa sociedade?

No Documento final da Assembleia Geral da Congregação da Missão, declaramos que “vendo o que o Senhor fez e que continua a fazer por nós, à maneira de São Vicente, gostaríamos de fazer e ser melhor para pobres”. Isto não poderia ser um desafio para cada um de nós, membros da Família Vicentina, neste tempo de Quaresma - fazer e ser melhor para os pobres e com eles?

Peço também que voltemos toda nossa atenção para os pobres que estão em uma situação desesperadora, vítimas da violência durante as manifestações em massa. Testemunhamos isto recentemente em toda África do Norte : na Tunísia, na Argélia, Líbia e no Egito para citar as situações mais evidentes. Os pobres gritam para que suas necessidades sejam ouvidas. Diante da surdez daqueles que são responsáveis para cuidar do bem comum, o sofrimento e a frustração aos quais se unem a fúria, não podem mais ser contidos e Deus fala “neste clamor irreprimível”. Como respondemos e podemos responder a isso?

Encontramos, também, muitas vezes, os pobres em outro lugar : nos conflitos que sobrevêm entre religiões, em particular quando a expressão dessas religiões se revestem do mais rudimentar fundamentalismo. Penso nas assim chamadas guerras “de religião” e sempre que, em nome de Deus, a violência e a destruição foram cometidas. Geralmente, isto é devido a incapacidade, das pessoas envolvidas nestes conflitos, de sentar e dialogar abertamente procurando soluções pacíficas, em vez de recorrer aos conflitos, à violência e a guerra.

Neste encontro proposto por Santo Egídio, tive a oportunidade de escutar um líder muçulmano que nos falava da importância de viver não somente em uma cultura de tolerância de uns para com os outros, mas da necessidade de ir além, até a elaboração de uma cultura de aceitação, respeitando-se uns aos outros pelo que somos, pela fé que expressamos, tentando obter uma compreensão clara de nossa própria fé e a dos outros. Isto deve ser feito de ambas as partes das situações de conflitos.

Trata-se de construir relações autênticas fundamentadas na confiança, que podem nascer no diálogo. Como discípulos de Jesus Cristo, neste tempo de Quaresma, somos chamados a refletir profundamente sobre as atitudes que muitas vezes nos dividem. A ignorância em si é uma das causas primeiras destas atitudes fundamentalistas onde, frequentemente se busca os próprios interesses em vez do bem comum a todos. Diante desta ignorância, o mundo cristão oferece uma solução: a educação. Este conferencista muçulmano dizia claramente que, lá onde os Cristãos oferecem uma boa educação humana alicerçada sobre valores, as relações entre os povos, tanto Muçulmanos como Cristãos, são bem melhores. A educação é a chave e todos os que, no seio da Família Vicentina, estão implicados na educação devem refletir profundamente, em especial neste tempo de Quaresma, sobre este serviço que oferecemos, para ver se se trata de uma educação totalmente orientada para uma formação integral, uma formação que ajude as pessoas a construir valores, reunindo-as em relações de compreensão e de atenção mutuas.

Quanto a ignorância, é preciso também enfrentar um outro desafio, o do medo, que muitas vezes paralisa as pessoas, impedindo-as de sair de si mesmas para ir ao encontro dos outros e criar bons relacionamentos sadios e harmoniosos. A doação de Jesus Cristo, através de sua morte e ressurreição que está no cerne do que significa a Quaresma, dá-nos não somente um sinal, mas a graça, e a coragem de sermos capazes de ultrapassar todo medo. É o amor de Deus por seu próprio Filho que pôde vencer a morte e destruir o medo paralisante, permitindo a seu Filho de se erguer dentre os mortos para uma vida nova na Ressurreição. É este mesmo dom da ressurreição, este mesmo dom de amor de Deus que foi derramado em Seu Filho e que é difundido sobre o mundo inteiro, que nos dá a coragem de avançar e construir autênticas relações.

Meus irmãos e irmãs, permitam-me resumir meu propósito dizendo que o Senhor nos fala com veemência no clamor dos pobres. Podemos fazer ainda mais? Podemos ser melhores? Examinemos nossas ações de solidariedade com aquelas e aqueles que vivem na pobreza. Deixemo-nos renovar e sejamos criativos para que as relações com aquelas e aqueles que são pobres ganhem em profundidade, caminhando juntos para defender o que é justo e bom. Da mesma forma que somos chamados a sermos um com os pobres e a viver em solidariedade com toda a humanidade, trabalhando para construir um mundo de paz, somos chamados ao mesmo tempo para fazermos um com Deus que é a fonte de toda vida e de todo amor. Tenhamos consciência que somos chamados a agir com justiça pela paz e a integridade de toda a criação, impulsionados pelo que está no centro de nossa vocação vicentina: a caridade de Cristo crucificado. Que este dom que recebemos por nossa vocação vicentina, dom que é a expressão concreta do amor de Deus para cada um de nós, esteja no âmago daquele que nos purifica, reconcilia e renova quando celebramos este tempo de Quaresma, que culmina no imenso dom da vida nova que é a ressurreição de Jesus Cristo. Que o Aleluia seja sempre nosso canto pois, somos um povo de Páscoa.

Seu Irmão em São Vicente

G. GREGORY GAY, CM
SUPERIOR GERAL

¹Coste XI, pág.83

²Coste XII, pág. 172

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL
CARTA DE 14 DE MARÇO DE 2011

Minhas queridas Irmãs,

Boas festas de Santa Luísa de Marillac! Juntas, amanhã daremos graças por sua vida e disponibilidade ao Espírito Santo. Por sua intercessão, pediremos a mesma abertura de coração e de espírito.

A terrível catástrofe que acaba de ferir o Japão desperta, no mundo inteiro, muita emoção e está presente nas nossas orações. Irmã Madeline Hara, Conselheira geral e Irmã Janet Nunogami, Visitadora da Província do Japão, estão muito sensibilizadas por todas as mensagens de simpatia que receberam. Nossas Irmãs não vivem em regiões afetadas pela catástrofe, porém elas comungam com seus compatriotas e contribuem com esforços desdobrados em favor das vítimas.

Ontem, em companhia de Irmã Iliana Suarez, Conselheira geral, cheguei de um encontro de Guatemala. Reunia as Visitadoras, alguns membros do Conselho e os Diretores das Províncias do México, América Central, Cuba, Santo Domingo, Haiti, Porto Rico, Venezuela, Equador e Bolívia. Este encontro se desenvolveu muito bem graças a cordial acolhida das Irmãs da América Central, a participação de todos e o interesse das intervenções centralizadas sobre a formação e o contexto sócio político das Províncias representadas.

Boas festas, mais uma vez, para o dia de amanhã! Juntas confiemos a Santa Luísa toda a Companhia, especialmente a Província do Japão e as que atravessam situações de grande instabilidade política em Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egito ...

Unida a todas na oração por estas intenções, asseguro-lhes meu afeto fraterno.

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade.

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Conferência preparatória para a Renovação

O significado do Sim

Evangelho de São Lucas, capítulo 1, 26-38

DA INSTRUÇÃO SOBRE OS VOTOS DAS FILHAS DA CARIDADE, P. 134, VII. II. B:

Em toda vocação, há um apelo a *uma missão*, mas o conteúdo da missão só se revela pouco a pouco. Isto exige das Filhas da Caridade uma grande disponibilidade de coração para acolher o Acontecimento e reiterar o seu “*sim*” inicial.

Cada **renovação** proporciona às Filhas da Caridade a ocasião de se renovarem no desejo e na vontade de corresponder à sua vocação, reconhecendo, juntamente com as suas próprias infidelidades, o amor misericordioso de Deus, sempre fiel.

Existe uma expressão que se pode ver ou escutar nas lojas, nos escritórios, restaurantes ou nas empresas em muitas regiões dos Estados Unidos. Esta expressão é a seguinte: “Qual parte do ‘Não’ que você não entende? “Não” é uma palavra simples na maioria das línguas e parece muito fácil de compreender, mas diante de vendedores agressivos ou de crianças insistentes, não parece ser bastante clara. Algumas pessoas interpretam-na como um “talvez”, ou “não tenho certeza”, ou “talvez seja necessário repetir a pergunta”. Isto pode também nos acontecer porque não estamos bastante seguros de nossas decisões, e queremos deixar outras alternativas. Nosso “não”, pode então ser muito bem transformado em “talvez”. Portanto, quando o utilizamos claramente e nosso “Não” significa verdadeiramente “Não”, é uma palavra forte que reflete um engajamento e uma decisão clara.

Na passagem do Evangelho que ouvimos nesta manhã - o mesmo que será lido na solenidade da Anunciação, sexta-feira - somos convidados a refletir sobre uma outra palavra simples que geralmente, é também curtíssima e que é forte no engajamento e na decisão que reflete: a palavra “Sim”. Na Anunciação, Maria diz “Sim” quando o anjo se lhe apresenta. Não há nenhuma parte da palavra “Sim” que Maria não entenda. Maria não negocia o seu “Sim”. Ela não pede mais informações, não insiste dizendo que outras são mais qualificadas que ela; não suspira de forma singular, não se queixa dizendo que tem outros projetos. Ela sabia o que significava dizer “sim” a Deus. Se a tomarmos como modelo, podemos alcançar uma melhor compreensão sobre o que pode significar para nós também dizer “sim”.

Durante nossa vida, dizemos muitas vezes “sim” a todos os tipos de questões e de solicitações. Mas, são muito raras, na vida de uma pessoa, as oportunidades onde o seu “sim” é tão forte, que compreende a totalidade desta pessoa, um momento que significa engajamento de uma vida. Isto pode ocorrer durante um casamento, na escolha de uma carreira ou em um outro momento importante. Este “sim” é para ser definitivo. Quando Maria disse “sim” ao anjo, colocou toda a sua vida nas mãos de Deus. Neste instante que vocês se preparam para a renovação dos votos na Companhia das Filhas da Caridade, são chamadas a refletir sobre o significado do seu “sim” e, para que e para quem dizem “sim” através dos votos. Com essa reflexão surge um engajamento profundo, pessoal e permanente.

Neste nosso encontro de hoje, gostaria de refletir três aspectos, três significados do “sim” de Maria: saber que seu “Sim” é uma afirmação de vida, seu “Sim” é um engajamento no serviço, e seu “Sim” inclui uma prontidão para aceitar a incerteza e o sofrimento em sua vida. Seu exemplo sugere uma caminhada na qual podemos aprender a dizer “Sim” a Deus.

1ª PARTE: UM “SIM” PARA A VIDA.

O Deus de Israel é frequentemente descrito no Antigo Testamento como o “Deus vivo”. Isto significa que Deus está vivo e age na vida das pessoas. O Deus de Israel é o Deus misericordioso que ouviu o clamor do seu povo e que respondeu às suas preces pela sua presença divina. O Êxodo é o maior exemplo para o povo hebreu. Quando eles clamaram em seu sofrimento, Deus escutou e da sarça ardente, chamou Moisés. Deus revelou seu nome aos Hebreus: “Eu sou Aquele que Sou”. Este Deus liberta o povo de seu cativo e o conduz à liberdade. O povo de Israel sabe que seu Deus está vivo e que age na vida deles.

Foi este Deus que Maria conheceu e que adorava desde a sua infância. Seu Magnificat pertence a esta categoria maravilhosa dos salmos judeus que afirmam a presença de Deus não somente em sua vida, mas igualmente na herança de seu povo e em sua atenção especial pelos desfavorecidos. Este Deus vivo está bem enraizado no coração e na experiência de Maria. Ela conheceu Deus como aquele que estava presente em sua vida e em sua oração, e quando diz “Sim” ao anjo, confirma esta vida e recebe, em seu seio o autor da vida.

A criança que começa a tomar forma no ventre de Maria pelo poder do Espírito Santo é o autor da vida. Maria diz “Sim” à própria vida, e Jesus agora faz parte de sua respiração, de sua alimentação e de sua vida. Da mesma maneira que ela vive, assim vive ele. A partir deste momento, suas vidas estão para sempre entrelaçadas como uma mãe e seu filho. Para Maria, não se trata de retirar-se da vida mas, de um compromisso mais profundo no que torna a vida possível, a vida que vale a pena ser vivida. Trata-se de um “Sim” autêntico à vida.

Neste momento em que vocês se preparam para a renovação dos votos, são convidadas a pensar no “sim” que irão dizer a vida. Como sabem, pronunciar os votos na Companhia das Filhas da Caridade não significa de nenhuma maneira retirar-se do mundo e de sua vida. Pelo contrário, a intenção explícita de nossos Fundadores foi sempre para que estivessem intimamente unidas ao nosso mundo e às suas lutas. A oportunidade nos é oferecida para refletir nas diferentes maneiras, os diversos momentos em que devemos dizer “sim” a vida - ou devemos dar a vida - como Maria o fez e continua a fazer.

Isto acontece inicialmente na expressão de nossa gratidão, a cada dia, pelo dom da vida. Para Maria, o Magnifica é uma celebração desta vida comprometida e do seu “Sim”. Expressa sua gratidão a Deus por tudo o que Ele fez por ela e por seu povo.

Adorar Deus é nosso primeiro dever que decorre do reconhecimento do fato de que pertencemos a Deus e que Deus nos ama tanto que deu-nos a vida e nos mantém vivos. O Papa João Paulo II disse que uma vez que Deus concedeu o dom da vida, é para sempre. Quanto a nós, acordar pela manhã é o primeiro presente do dia que Deus nos dá e não poderíamos negligenciar o nosso reconhecimento a partir da nossa primeira respiração. O Senhor nos deu uma nova ocasião de O reconhecer e de viver com e por Ele. Podemos construir sobre os esforços de ontem ou de procurar corrigir nossas faltas. Quaisquer que sejam as limitações devido a nossa idade ou doença, quaisquer que sejam os problemas ou as dificuldades que podem nos esperar, tudo não passa de coisas pequenas que diante da ocasião que nos é ofertada de conhecer e de servir a Deus na aurora do novo dia. Porque prometemos este dia a Deus, faremos o melhor uso possível dele. Nossa própria vida é uma bênção que deve ser recebida com gratidão e dar-nos uma orientação de vida.

Em segundo lugar, porque entregamos a vida, podemos afirmar e valorizar a vida dos outros. Na Anunciação o anjo disse a Maria que o dom que lhe será feito é para todos os povos a fim de salvá-los de seus pecados. Seu “sim” beneficia a todos os seus irmãos e irmãs. Nós também somos chamados a valorizar a vida dos outros. Nós não o fazemos somente com nossas Irmãs em comunidade, mas igualmente com as pessoas que o Senhor coloca em nosso caminho. Interessar-se pela pessoa, dar-lhe nossa atenção é uma maneira de dizer que sua vida é importante para nós e para ela. Pode ser muito fácil nos permitir negligenciar as pessoas que vemos todos os dias porque não fazem parte dos nossos projetos, hoje. A vida dos outros é também uma bênção que deveríamos reconhecer e celebrar.

Desde as origens, Deus criou todas as coisas através de sua palavra, deu o dom da vida a uma parte da criação. Para nenhuma outra dessas criaturas, isto é mais verdadeiro que para a humanidade. Deus nos deu parte de seu próprio sopro. E ele o partilha com todas as pessoas. É por isso que todos os que vivem em Deus devem celebrá-lo.

Terceiro, porque damos a vida, somos chamados a prestar atenção à vida em nosso mundo tal como ela é realmente vivida pelos outros. Nós não vivemos numa torre de marfim. A visão de Vicente e de Luísa coloca as Filhas da Caridade no coração do mundo. Esta descrição lhes é muito familiar: terão: (*Instrução sobre os votos das Filhas da Caridade*, p.23, I. II. A)

- por mosteiro senão as casas dos doentes...
- por cela, um quarto de aluguel,
- por claustro as ruas da cidade

Estes são os lugares de serviço. Esta descrição nos convida a sermos pessoas atentas ao nosso mundo. Devemos ler o jornal, ver o noticiário e ouvir o que as pessoas nos contam de suas vidas. Muitas vezes nossas próprias Irmãs que vivem aqui e também as Irmãs que visitamos, podem nos dizer o que acontece em muitos lugares diferentes. As conquistas e os fracassos de nossos irmãos e irmãs em diversos lugares podem ser objeto de nossos esforços e de nossa oração. Mas devemos ter um interesse particular pela vida dos pobres. Nas *Instruções sobre os votos*, encontramos uma citação importante de um documento da Igreja: “O pecado do mundo pode ser lido no rosto dos pobres”. (*Sollicitudine Rei Socialis*, 30 de Dezembro de 1987, nº36 apud *Instrução sobre os votos*, p. 63 IV. I. B. 1) Devemos estar atentos ao que nos dizem os pobres em sua vida e às forças que, em nosso mundo, os ferem e os maltratam. Devemos levá-los em nossa oração e torná-los alvos de nossas ações.

Quando aceitei a missão de ser o Diretor geral, uma das bênçãos extraordinárias que recebi é a oportunidade que me foi dada para ler todas as cartas que as Irmãs do mundo inteiro me enviaram. Recebi mais de cem, antes de partir de Nova Iorque e haviam ainda muito mais que me esperavam quando cheguei em Paris. Levei muito tempo para lê-las porque cada uma delas contava a história de uma comunidade de Irmãs intimamente ligada ao nosso mundo e às pessoas mais pobres. Algumas palavras não cessam de se repetir nestas cartas: palavras como pobres e serviço, sofrimento e sacrifícios, oração, comunidade e apoio. Comecei a estabelecer uma lista de todas as situações onde as Irmãs servem - por vezes arriscando suas vidas. Refletir sobre o conteúdo destas cartas, falar com algumas Irmãs que vêm aqui para o retiro, e com outras em suas Províncias, foi para mim uma escola de humildade. Nossas irmãs e cada uma de vocês estão unidas ao nosso mundo e ao seu coração que bate. Devemos permanecer unidos e interessados à vida do mundo se quisermos dizer um “sim” à nossa vocação de Filha da Caridade.

Os votos estão intimamente ligados à vida. Cada voto afirma o compromisso de viver fielmente e com abnegação de uma maneira diferente. Porque estes votos são feitos a Deus, juntas decidem viver sua vida para Deus no serviço aos outros. Como São Vicente o dizia, e como vocês recordam constantemente: “Sois pobres Filhas da Caridade que vos destes a Deus para o serviço dos pobres” (São Vicente, *Coste IX*, p. 534 apud C. 7b), pronunciais um sólido “sim” a esta vida.

2ª PARTE: “SIM AO SERVIÇO”.

Na Anunciação, quando Maria disse “sim”, escuto-a pronunciando este “sim” em dois tempos. No primeiro tempo, ela proclama: “Eis a serva do Senhor”. Com estas palavras, ela promete fazer tudo o que for preciso para cumprir a vontade de Deus. Estas são palavras de ação. Ela assume o papel de um serviço ativo. Exigia-se de uma serva que ela agisse de acordo com suas possibilidades para cumprir a tarefa ordenada. Maria diz ao Senhor que ela fará tudo o que Ele mandar.

Maria coloca assim sua força ativa a serviço de Deus. Ela aceita ser a mãe de Jesus e isto significa muito mais que simplesmente conceber Jesus em seu seio. Ela promete colocar todas as suas energias nesta tarefa; o que fará do começo ao fim.

Ela promete ser uma mãe para Jesus e uma esposa para José. É um papel que vai abranger toda a sua vida. Isto implica o trabalho exaustivo de uma mãe e de uma esposa no primeiro século, em Israel. Ela conhecia todas as responsabilidades de uma dona de casa: cozinhar, arrumar a casa, costurar, buscar água no poço e as milhares de outras tarefas de uma mulher judia. Mas, ela sabia também que sua responsabilidade consistia igualmente em uma presença para amar, acolher o amor e servir de modelo. Não se tratava de uma tarefa temporária ou de um trabalho bem definido. É uma tarefa para toda a vida. Quando Maria diz “sim” ela promete dar tudo o que ela é para corresponder ao que a sua tarefa lhe solicita. Seus próprios projetos (quaisquer que fossem) são de agora em diante colocados de lado; ela abandona-se às orientações que Deus lhe destina. É a fiel serva de Deus.

Quando refletimos sobre esta declaração de Maria, podemos nos perguntar o que significa para nós dizer: “Eis a serva do Senhor”. Como Filhas da Caridade, sabemos quais tarefas nos são solicitadas no serviço. Para cada uma de nós, elas são diferentes, talvez, sua idade e sua experiência podem ser causas de mudanças, mas sempre é uma questão de serviço. Seria bom que cada uma pudesse nomear o serviço que lhe é pedido. Em suas vidas, vocês têm tarefas pequenas e grandes a cumprir, mas podem imaginar em que elas consistem ao longo de uma contínua doação. Vocês se imaginam aceitando de bom grado estas tarefas e as visualizam como sendo apelos vindos de Deus?

Alguém lhe pede para acolher as pessoas que vêm aqui para visitar e rezar? Então, faça-o com um espírito caloroso e acolhedor. Pedem-lhe para que se ocupe da sacristia, da administração ou dos arquivos? Então, faça-o com um espírito de serviço, pleno de humildade. Pedem-lhe para trabalhar no serviço da Cúria geral? Faça-o com um espírito centrado nas necessidades da comunidade internacional. Pedem-lhe para assegurar a direção da Companhia? Então, faça-o com humildade e colocando-se sob a dependência do Espírito de Deus. Pedem-lhe para assumir o serviço da liturgia? Então, faça-o com fidelidade e amor. É bom colocar palavras naquilo que Deus lhes pede e incluir este serviço no seu “sim”. Fazia parte da promessa de Maria e deve fazer parte também da nossa.

Nossos Fundadores falam frequentemente do respeito que devemos ter para com os outros, no serviço que prestamos. Escutemos o que Santa Luísa escreve às Irmãs, por exemplo, sobre o cuidado aos doentes: “No que se refere à sua conduta junto dos doentes, por Deus! que não seja negligente, mas, cheia de afeto, devem conversar com eles e servi-los com o coração. Informem-se particularmente de suas necessidades, falando-lhes com doçura e compaixão, proporcionando-lhes sem aborrecimentos, nem pressa, a ajuda requerida por suas precisões e, sobretudo, tendo grande zelo por sua salvação. Jamais sairão de perto de um pobre ou de um doente sem haver-lhe dito alguma palavra de Deus...” (Santa Luísa, *Escritos Espirituais*, E.55 (A. 85) - “Instruções às Irmãs enviadas a Montreuil-sur-Mer”, 1647, p. 885).

Isto está bem de acordo com a máxima de São Vicente que afirma que devemos amar a Deus com a força dos braços e o suor do nosso rosto. Nós O amamos através de nosso serviço apaixonado que envolve todo o nosso ser.

Nas *Instrução sobre os votos das Filhas da Caridade*, ouvimos este apelo ao serviço: “No dia da **Anunciação do Senhor**, cada ano - desde 25 de março de 1669 - as Filhas da Caridade renovam os seus votos. Elas unem-se ao “*Fiat*” de Maria para se tornarem totalmente disponíveis ao Espírito, que as torna semelhantes a Cristo Servo e as une à Sua missão de Evangelização dos Pobres” (*Instrução sobre os votos*, p.133).

O “sim” de uma Filha da Caridade compreende claramente um serviço que envolve todo o seu ser.

3ª PARTE: “SIM AO SOFRIMENTO, SIM AO DESCONHECIDO”.

O segundo tempo do “sim” de Maria na resposta ao anjo expressa-se assim: “*Faça-se em mim segundo a vossa palavra*”. Na verdade, Maria sabia o que significava ser uma mãe e uma esposa judia, mas também existiam muitas coisas que poderiam acontecer e que Maria não tinha nenhuma ideia. Quando ela disse: “*Faça-se em mim segundo a vossa palavra*”, escuto nestas palavras algo mais, qualquer coisa que sei que está em seu coração. Quando ela diz este “Sim”, ela abandona-se com confiança a um futuro desconhecido, onde Deus a guiará. Ela não pede nenhuma garantia por escrito, nenhuma descrição detalhada da função, com uma cláusula que lhe permita esquivar-se do acordo. Ela diz “Sim” e parece dizer: “há muitas coisas sobre as quais tenho pouco controle; há muitas coisas acontecendo no mundo que não compreendo. Isso também, coloco em tuas mãos e aceito teu domínio sobre elas e sobre mim. Aceitarei tudo o que me acontecer como tua vontade, mesmo se eu não compreendo bem o que se passa”. E isto pode implicar em sofrimento, inicialmente, quando ela é vista como mãe solteira, mas também de outras maneiras. Ela não pode controlar a doença nem os preconceitos, os acidentes nem a violência. Ela não sabia até aquele momento que sua decisão a conduziria aos pés da cruz, mas se soubesse, isto não teria diminuído em absoluto a sinceridade do seu “sim”.

Os Evangelhos relatam algumas vezes, dizendo-nos que Maria “*guardava todas essas coisas em seu coração*” (Lc 2, 19-51). Esta observação resulta de um episódio que confunde Maria, como por exemplo, quando os pastores vieram à manjedoura no nascimento de Jesus e lhe contaram a visão dos anjos; ou quando Jesus, adolescente, perde-se no Templo e lhe informa que Ele deve cuidar das coisas de seu Pai. Maria está diante de situações sobre as quais não tem nenhum controle nem informações claras sobre o que poderia acontecer, mas está sempre aberta para ir onde Deus a conduzir. Quando leva o Menino Jesus ao Templo para a purificação e escuta as palavras de Simeão sobre a grandeza de Jesus e sobre a espada que lhe transpassará o coração, ela não sabe o que isso significa, mas está pronta.

Maria aceita assim, tudo o que deve acontecer ao longo do caminho como cumprimento da vontade de Deus. Ela pode dizer: aceito todos os acontecimentos sobre os quais não tenho nenhum controle, como tua vontade. Posso imaginar os olhares que vão me seguir quando as pessoas virem que estou grávida; não sei qual será o lugar de José neste contexto; não posso controlar a doença, os preconceitos e o medo, mas os aceitarei como vindos de Tua vontade. Maria não poderia imaginar onde o caminho de sua vida a conduziria - certamente não à cruz, nem de que maneira Jesus seria rejeitado durante seu ministério. Mas, também não poderia imaginar seus milagres, suas palavras maravilhosas, suas curas que davam a vida a tantas pessoas, nem a maravilha da Ressurreição. Portanto, está aberta a tudo e deixará o futuro ser o que será.

Quais lições podemos tirar para nós de tudo isso? Como Maria, podemos imaginar alguns eventos que formarão nosso futuro, e a estes, podemos dizer “sim” com uma certa compreensão. Existe, no entanto, uma série de possibilidades sobre as quais não temos nenhum controle e que não podemos imaginar. O sofrimento fará parte desta mistura. Como Maria, somos chamados a ser pessoas que se abandonam na confiança. Isto faz parte do nosso “sim” como isto fazia parte do “sim” de Maria.

Podemos dizer: “Que seja feito como tu o dizes”. Existem numerosos eventos sobre os quais não tenho controle total; por exemplo, as necessidades das pessoas as quais sirvo, minha missão na Comunidade, as Irmãs com as quais sou enviada em missão. Não posso controlar tudo o que me acontece a cada dia, nem a

maneira como este mundo afetará minha missão. Devo aceitar estes acontecimentos como fazendo parte do desígnio de Deus e neles ser feliz.

A resposta de Maria e a nossa devem implicar em dar nossa vida inteira ao Senhor, ao mesmo tempo, realizando o que nos é pedido e aceitando o que não pode ser mudado. Esta é a atitude daqueles e daquelas que têm confiança no Senhor.

Todos nós, provavelmente tivemos a experiência de viver situações sobre as quais tivemos pouco ou nenhum controle. Isto pode ter sido ao visitar uma pessoa, caminhando na rua ou atendendo alguém que toca a campainha de nossa própria casa. Podemos, às vezes, estar muito inseguros sobre o que enfrentaremos. Foi exatamente isto que senti em meu ministério no hospital. Quando eu passava de um quarto a outro, ficava apreensivo com medo do desconhecido: com que tipo de situação iria me deparar: (uma vítima de AIDS, uma criança não desejada, uma família feliz, mas que sofre com a perda de um parente); será que esta pessoa vai me rejeitar com tudo o que represento, ou atacar-me impulsionada pelo remorso e o arrependimento: ou serão acolhedoras ou indiferentes. Em alguns serviços, nunca se sabe.

Nossa necessidade de aprender a aceitar os desafios inesperados de cada dia faz parte do “sim” que pronunciamos ao Senhor através dos votos. Vicente falava às Irmãs neste sentido: “Humilhai-vos, diante de Deus, é o vosso dever, e estais prontas a abraçar todos os ofícios que a Divina Providência vos confiar. Nunca será demais recomendar-vos isto, minhas Irmãs...” (São Vicente de Paulo, 18 de outubro de 1655 – Conferência “Sobre o fim da Companhia”, Coste X, apud *Instrução sobre os votos* p. 189 Antologia A63) Nossa decisão de aceitar os sofrimentos bem como as alegrias fazem parte deste mesmo sim. Como Maria, esforçamo-nos para dizer ao Senhor que estamos abertas à maneira de como a sua vontade pode realizar-se em nossa vida. Responderemos fielmente aos desafios e às implicações comunitárias, aos gritos dos pobres e aos apelos da Igreja. Estamos preparados para dizer ao Senhor: faça-me em mim segundo a tua Palavra

Na Anunciação, Maria disse “sim” com lucidez, não havia nenhuma parte do “sim” que ela não compreendesse ou que não tenha aderido com todo o seu ser. Nossa oração hoje deveria ser a seguinte: por intercessão da Virgem Maria, que sejamos capazes de também dizer “sim” aos numerosos apelos de Deus em nossas vidas e sobretudo para o serviço dos pobres. *Que ela possa ser nosso modelo e nos ajudar desta e de outras formas.*

Neste dia de recoleção, nossa preparação para a renovação dos votos oferece uma nova oportunidade de pensar no significado do “sim”. Dissemos tratar-se de um “sim” à vida, de um “sim” ao serviço e de um “sim” ao desconhecido e ao sacrifício. A ocasião anual de dizer “sim” é o ponto culminante de nossa aceitação para viver em fidelidade os votos no cotidiano. Que não haja nenhum aspecto do vosso “sim” que não tenha sido aderido de todo o nosso ser. Neste ano, rogo para que vocês possam conhecer com mais profundidade e plenitude Aquele com quem se comprometeram para o serviço dos pobres.

Padre Patrick GRIFFIN, cm
Diretor geral

PE. GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

CASA-MÃE, 25 DE MARÇO DE 2011 CONFERÊNCIA ÀS FILHAS DA CARIDADE

Enquanto eu meditava a mensagem do Papa Bento XVI às comunidades cristãs para esta Quaresma de 2011, não pude deixar de pensar neste dia em que as Filhas da Caridade renovam seus votos. Desde o início de sua mensagem, ele nos convida a redescobrir nosso batismo: “Renovemos nesta Quaresma o acolhimento da Graça que Deus nos concedeu naquele momento, para que ilumine e guie todas as nossas ações” (*Mensagem para a Quaresma, de Bento XVI, 2011, §16*). Acredito que podemos facilmente traçar um paralelo entre a redescoberta de nosso batismo e a redescoberta de nossos votos.

Este 25 de Março permite renovar a aceitação da graça que Deus lhes concedeu no momento que pronunciaram os votos pela primeira vez. São Paulo nas Escrituras, exorta os que creem: “*na qualidade de colaboradores seus, exortamos-vos a que não recebais a graça de Deus em vão*” (2 Cor 6, 1).

Nosso batismo é um dom gratuito que deve estar sempre revigorado em cada um e cada uma de nós. Os votos são também dons que Deus nos dá. O próprio fato de que as Filhas da Caridade renovam seus votos a cada ano, permite reanimar o primeiro compromisso assumido diante de Deus.

A graça que Deus nos dá, nos ajuda a viver os votos apesar de nossas fragilidades. Como disse o papa Bento XVI, a graça de Deus insufla uma força nova em Cristo, ela “*infunde nova força em Cristo, caminho, verdade e vida*” (*Mensagem para a Quaresma, de Bento XVI 2011, § 6*). O Papa declara que “*o nosso imergir-nos na morte e ressurreição de Cristo através do Sacramento do Batismo, estimula-nos todos os dias a liberar o nosso coração das coisas materiais, de um vínculo egoísta com a “terra”, que nos empobrece e nos impede de estar disponíveis e abertos a Deus e ao próximo*” (*Mensagem para a Quaresma, de Bento XVI, 2011, § 12*).

Podemos claramente ver como os votos de pobreza, castidade e obediência são frutos do dom do batismo. A pobreza nos ajuda a guardar um coração livre do fardo das coisas materiais; a castidade nos preserva das relações egocêntricas com os outros; a obediência nos permite sermos disponíveis e abertos a Deus e ao próximo.

Após esta reflexão do Papa Bento XVI sobre a Quaresma e esta relação com os votos, meditemos alguns instantes sobre a maneira como Maria é modelo para viver os votos. Reflitamos mais uma vez o texto da Visitação.

Vemos Maria sair de si mesma, caminhar em direção à sua prima e viver um encontro muito particular. Dirige-se à ela para servir. Vejo aqui um vínculo com os votos.

Por sua capacidade de sair de si mesma, de deixar para trás suas próprias necessidades, Maria revela seu grande espírito de pobreza. Ela é totalmente desapegada, não somente de suas necessidades, mas também de si.

Ela segue em frente, caminha resolutamente em direção ao objetivo fixado, para realizar uma tarefa bem determinada. Permanecendo fiel a este objetivo, Maria revela uma atitude de obediência a vontade de Deus. Segue as diretivas dadas pelo Senhor. No mais profundo de seu coração, ela não está cega, nem se detém em seus desejos pessoais, mas quer responder ao Seu apelo e fazer a Sua Vontade.

Enfim, ela encontra sua prima, vivem uma relevante partilha, um amor profundo, puro e casto. Maria está unida a Isabel pelo amor que cada uma traz em si, Jesus e João Batista. A castidade é este dom que permite amar o outro livremente, onde nos encontramos, no mais profundo de nossos corações.

Maria parte apressadamente para uma cidade da Judeia para realizar um serviço generoso à uma outra pessoa, como lhes convida o voto do serviço dos pobres que pronunciam. Deus apareceu a Maria sob a forma do Anjo Gabriel, desceu diante dela e a cobriu com sua graça dando-lhe o necessário para realizar sua missão. Deus vem também a vocês, minhas Irmãs, Ele dá à todas o que necessitam para realizar sua missão.

Vocês estão munidas pelo dom da pobreza, da obediência, da castidade e do serviço dos pobres. Os votos vêm do amor; ao mesmo tempo, dilatam-lhe a capacidade de amar. Eles são a expressão concreta da graça que Deus tem colocado em seus corações, a fim de que estejam em condições de estarem próximas dos outros através de uma vida de serviço.

Minhas Irmãs, vocês consagraram suas vidas a Deus para serem embaixadoras de seu Filho, Jesus Cristo, revestidas do seu Espírito. Através dos votos, vocês são chamadas para serem embaixadoras do amor, da fidelidade, da justiça e da paz, particularmente neste mundo ferido, que só conhece o ódio, a infidelidade, a injustiça e a guerra.

Contamos também com São Vicente, que pode ajudá-las, neste dia particular, a compreender melhor os votos e vivê-los mais profundamente. Para viver os votos, São Vicente nos confiou as virtudes características de Jesus Cristo.

A virtude da humildade está ligada à pobreza, pois é um suporte para nos tornarmos pobre de espírito e para nos esvaziarmos de nós mesmos. O espírito de humildade permite-lhes serem mais conscientes daquilo que não possuem e de saberem olhar lucidamente seus próprios limites. Um coração vazio de si mesmo, consciente de seus limites coloca sua confiança em Deus.

A virtude da mortificação nos permite morrer para nós mesmos e para a nossa própria vontade e, portanto, obedecer a vontade do Pai. A mortificação torna-as capazes de ir até o sacrifício, de seguir Jesus, carregando a cruz.

A virtude da mansidão ajuda a viver o voto de castidade. A mansidão permite que os outros se aproximem de vocês, e torna-as próximas dos outros nas relações isenta de todo tipo de dominação e de agressividade, abertas a aceitação uns dos outros.

A virtude do zelo pelas almas fortalece o voto do serviço dos pobres. O zelo lhes permite serem apaixonadas pelas pessoas as quais são chamadas a servir e de continuar com entusiasmo, na alegria e na esperança, em meio a situações em que, muitas vezes, é difícil servir.

Minhas Irmãs, hoje que vocês renovam os votos, dêem graças a Deus “aos pés do altar” pela oportunidade que lhes é oferecida de servi-Lo nos pobres. Poderão ser também, agradecidas pela inspiração que receberam do Santo Padre, o Papa Bento XVI, de Maria na Visitação e de Vicente de Paulo em sua maneira de viver as virtudes de Jesus Cristo.

Deus nos ajuda de muitas maneiras e nos inspira através de numerosas e diferentes pessoas, comprometidas fielmente com o Senhor. Elas não precisam ser ilustres como o Papa, ou santos como Maria, nem carismáticos como Vicente de Paulo. No entanto, estas pessoas que estão presentes em nossa vida quotidiana, nos convidam a fazer o mesmo.

Deus nos dá sua graça. Ela vem sob formas diferentes. Não deixemos esta graça sem efeito, ao contrário, respondamo-la com todo o nosso ser.

G. GREGORY GAY, CM
SUPERIOR GERAL.

PADRE YVES DANJOU, CM

COMO DEIXAR-SE TRANSFORMAR PELO ESPÍRITO

O tema do último documento Interassembleias é “Deixemo-nos transformar pelo Espírito”. O ponto mais importante deste, certamente é a referência do Espírito de Deus que deve organizar toda a nossa vida. No entanto, não se trata somente de se perguntar por quem deixar-se transformar, mas também, como deixar-se transformar.

É interessante nos determos neste último aspecto e abordá-lo de forma antropológica. Na verdade, o ser humano se define inicialmente pelo conhecimento que tem das coisas. De acordo com São Tomás de Aquino, o conhecimento começa através dos sentidos, ou seja, através do conhecimento sensível. Este abrange nossos cinco sentidos, a saber: a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato. Assim, é normal nos interrogarmos como nossos sentidos ou nossas sensações nos abrem ao mundo, aos outros e a Deus.

O BOM USO DOS NOSSOS SENTIDOS

É verdade que São Vicente fala dos sentidos num contexto negativo, pois trata-se, segundo as Regras das Filhas da Caridade, que estavam então em uso, de ter “horror às máximas do mundo”. “A mortificação

exterior consiste também em não olhar para o que agrada, quando a curiosidade leva a isso... É necessário mortificar os olhos e os ouvidos, que se comprazem em ouvir cantos, músicas, e os elogios que nos dão... O paladar procura sempre satisfação no beber e no comer, deseja as carnes bem preparadas e delicadas... Depois disto temos o tato. Sente-se prazer, por vezes, em tocar as mãos das outras, mesmo em deixar-se tocar pelos homens. Minhas Irmãs, é preciso mortificar isto e ter-lhes horror” (Conf. de 02 de Novembro de 1655, pág. 561).

São Vicente tem razão. É preciso saber mortificar os sentidos, ou seja, controlá-los e dominá-los em vista de um bom uso. Geralmente, eles são a primeira causa do pecado, é o que nos lembra a passagem do pecado original. Eva escuta a sugestão da serpente. Então, “a mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente” (Gn 3, 6).

Santa Luísa une sempre, e com razão, os sentidos e as paixões, falando também em vários retiros, como à Elisabeth Martin de Richelieu: “*Humilhem-nos, submetendo-nos às criaturas, mortificando nossos sentidos e paixões e aceitando a vontade divina em todos os seus desígnios sobre nós*” (Escritos Espirituais C.246 (L.82) pág. 286). No entanto, se ela critica, como São Vicente, o mal uso dos sentidos, compreende igualmente os benefícios quando são bem utilizados.

A este respeito, lembremos a importância dos sacramentos como forma sensível, indispensável para expressar a graça divina que recebemos, através do toque realizado pela imposição das mãos na santa unção do batismo, na confirmação, na ordenação e na unção dos enfermos; ou ainda a importância do paladar na celebração Eucarística ou da palavra, em particular para a confissão e o matrimônio.

Nos evangelhos, vemos que Cristo recorre geralmente aos gestos sensíveis.

Eles revelam, assim, o seu olhar simpaticante no momento do chamado dos primeiros discípulos, seu olhar de compaixão pela viúva de Naim, seu olhar de piedade pelos doentes ou seu olhar de admiração pela viúva pobre que dá tudo o que tem. Jesus sabia ouvir e escutar. É sensível aos dois cegos de Jericó quando os cura tocando em seus olhos (Mt 20, 29-31). Muitas vezes, impõe as mãos para curar os doentes. Uma das últimas palavras que dirigiu aos seus discípulos na noite da quinta-feira santa foi para revelar-lhes que não mais poderia comer e beber com eles (Lc 22, 14-19).

OLHAR PERSPICAZ

O olhar é muitas vezes, o primeiro ato de conhecimento. Se Isaac não fosse cego, ele não teria sido enganado por seu filho Jacob que se fez passar por Esaú para obter o direito da primogenitura (Gn, 27, 18-29). Ver é a melhor maneira de perceber uma situação. São Vicente aconselha ir ver os pobres em suas casas. Ele diz ao Irmão Jean Parre: “Para melhor discernir, é preciso vê-los em suas casas, para conhecer os mais necessitados e o que lhes falta” (VI, 367).

É através do olhar que temos a primeira percepção do outro. Através dele, dou início a uma existência, pois crio com ele o começo de uma relação. Olhar não é simplesmente ver, mas olhar atentamente. Percebemos um número infinito de coisas sem realmente olhá-las. Quando Cristo nos dirige a parábola do pobre Lázaro, censura às más atitudes dos ricos de não terem percebido o esfomeado que se encontrava em sua porta (Lc 16, 19-31). Se eles tivessem olhado, teriam compreendido a sua angústia e não teriam permanecido indiferentes. Passar próximo de alguém sem notar sua presença, é reduzi-lo a um objeto, cujo significado e valor eu os nego.

Na descrição do juízo final, toda a questão refere-se ao ver, ao olhar: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber?” (Mt 25, 37). Portanto, nesta perspectiva, poderíamos fazer nossa a oração do cego de Jericó à Jesus, que lhe pergunta o que deseja: “Senhor, que eu veja!” (Lc 18, 41).

O primeiro olhar é importante porque muitas vezes dá início a comunicação. O olhar acolhedor supõe uma certa benevolência. Em compensação, pode-se, de acordo com uma expressão bem conhecida, matar alguém com o olhar. Muitas são as maneiras de olhar para uma pessoa, tais como: encarar, fixar o

olhar, examinar ou mesmo inspecionar ou desprezar. Nestes últimos casos, o olhar se transforma em julgamento. Procura-se, a partir disto, criar uma imagem do outro, a não ser que já tenhamos uma. O melhor meio de verificar a qualidade da acolhida é observar como o olhar está direcionado. Temos aqui toda uma ética do olhar. Santa Bernadete Soubirous dizia sobre a Virgem Maria que lhe apareceu em Lourdes: “Ela me olhou como uma pessoa”.

Não se deve fixar o outro, mas contemplá-lo, segundo a expressão de Lévinas. O rosto só pode refletir ele mesmo, pois tem sentido somente para ele. Se nós o colocamos numa situação determinada, a pessoa que encontro - um estudante, um professor, um doente ou um idoso - dou-lhe uma definição que é falsa. O que faz a dignidade do outro, não é a sua identidade social ou suas características físicas, mas a nudez de seu rosto que se recusa a ser encerrado numa identificação. Dito de outra maneira, todo encontro com alguém deveria ser sempre uma novidade.

Quando São Vicente fala a respeito do olhar, ele não utiliza este vocabulário, mas seu pensamento se direciona para esta mesma reflexão. A palavra, aliás, une-se etimologicamente ao olhar. O respeito se expressa através da qualidade do olhar que podemos ter. “*Que quer dizer, respeito? É uma virtude pela qual se mostra deferência, veneração e estima por outra pessoa*” (Conf. de 02 de Junho de 1658, pág. 773). São Vicente não para por aí, pois sabe bem que o respeito pode esconder uma certa hipocrisia e expressar-se por falsos interesses. É por isso que ele designa as virtudes que devem acompanhá-lo e que são os critérios de verdade: “*visto a estima ser a fonte do respeito, a estima forma-se no coração, e do respeito nasce a mansidão*” (Conf. Sobre a prática do respeito mútuo e da mansidão, pág. 181).

Assim, o verdadeiro respeito está acompanhado de uma expressão de doçura que revela os verdadeiros sentimentos. A dureza é sempre uma reação do orgulho que falseia todo acolhimento. Parece dizer àquele que acolhemos que não temos o prazer de vê-lo ou que não lhe temos muita estima. É verdade que um acolhimento agradável supõe de nossa parte uma certa estima pela pessoa que encontramos.

O olhar pode ser direcionado também para Deus. Não se trata aqui de um olhar simplesmente físico, porém de uma consideração interior que nos conduz para Ele. Por exemplo, ao passar diante da capela, podemos dirigir um olhar íntimo em direção ao Senhor que está ali presente. Podemos também dirigir nosso olhar sobre tudo o que fizemos ao longo do nosso dia ou ao longo do ano. Não é por acaso que São Vicente insiste sobre a importância da contemplação durante a oração.

Além do mais, olhar, significa também deixar-se olhar e sentir este permanente olhar de amor de Deus sobre nós. É Ele que nos permite ver, pois Ele é a luz que nos ilumina. Na noite obscura somente a luz pode orientar. “Eu sou a luz do mundo, disse Jesus. Aquele que me segue não andarás nas trevas; mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Os ícones orientais se deleitam para representar o Cristo diante de nós, com os olhos ligeiramente exagerados, para mostrar que Ele nos olha ao mesmo tempo que nos ilumina.

SABER ESCUTAR

O segundo meio de conhecimento que temos é ouvir. Saber ouvir e escutar é indispensável para entrar em relação. Aqueles que não falam são geralmente pessoas que não podem ouvir. As pessoas idosas sabem bem disso. Se lhe falamos, mesmo assim, a comunicação não se completa, e como dizem, trata-se de um diálogo de surdos. Na realidade, se escutar é algo natural, a verdadeira escuta não é sempre fácil. Para realizar uma verdadeira escuta, é preciso, por sua vez, ouvir e ser ouvido. Frequentemente temos muita dificuldade de compreender a pessoa que se dirige a nós. Nós a escutamos a partir de nossas próprias preocupações ou de nossas ideias pessoais, o que nos impede de compreender, seja no que ela diz, seja o contexto em que se encontra. A princípio, facilmente, partimos da ideia que fazemos do que será dito, mesmo antes que ela comece a falar.

Podemos definir a escuta como “hospitalidade interior” (Maurice Bellet). Escutar, é ser anfitrião do hóspede que chega. O anfitrião não pede nada àquele a quem recebe, não tem preocupação de ensinar ou de lhe dizer algo. Ele fala ou se cala de acordo com o desejo do outro. A hospitalidade é discreta. Ela limita-se a responder aos desejos expressos pela pessoa que é acolhida.

É por isso que a escuta é a característica do espírito de serviço. Quando São Vicente pede às Filhas da Caridade para olhar os pobres como seus mestres e senhores, ele confirma bem que, esta maneira de ver

determina uma atitude de serviço feito na disponibilidade (IX, 119). A verdadeira serva é aquela que está à escuta do que lhe é solicitado. Ela não pode decidir por si mesma, mas a partir da solicitação que lhe foi feita.

As Constituições falam da atenção que deve ser dada às pessoas e à sua vida (C. 24 c), o que significa colocar-se à escuta das necessidades das pessoas que se quer ajudar. Existe uma estreita relação entre a escuta e a obediência. Na verdade, obedecer vem da palavra em latim “ob-audire” que significa “escutar com atenção”. Ser convidado a obedecer, é ser convidado a escutar. “Ouve (Shema), Israel. O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças” (Dt 6, 4-5). E, numa fórmula que resume tudo, São Paulo fala da “obediência da fé” (Rm 1, 5).

A Virgem Maria, no momento da Anunciação, é aquela que soube escutar a palavra que lhe foi dita da parte de Deus. O Cristo faz diretamente seu elogio quando responde à mulher que exclamou no meio do povo: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os seios que te amamentaram!”, dizendo-lhe: “Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam!” (Lc 11, 28). O Papa Bento XVI faz uma alusão a este fato em sua exortação apostólica “A Palavra do Senhor”, quando declara: “*Ela é a figura da Igreja à escuta da Palavra de Deus que, nela Se fez carne. Maria é também símbolo da abertura a Deus e aos outros; escuta ativa, que interioriza, assimila, na qual a Palavra se torna forma de vida*” (nº 27).

TER GOSTO

Escutar, é permitir falar, o que está relacionado ao terceiro sentido que é o gosto. Este tem sua importância a ponto de alguns psicólogos afirmarem que as sensações que deles resultam são as que marcam mais a memória. É verdade que nós nos lembramos facilmente dos pequenos pratos que apreciamos durante nossa infância. O Gosto, na verdade tem esta particularidade de apreciar diferentemente as múltiplas sutilezas que são as marcas de qualquer alimento. Esta riqueza procura o sentimento de um conhecimento profundo do objeto ao ponto de fazer sentir um grande prazer.

É por isso que o gosto procura facilmente uma sensação de prazer. Referimo-nos a ele para expressar um sentimento de alegria. Ter o gosto das coisas de Deus, é ser feliz por ocupar-se das realidades espirituais. Como o declara São Pedro em sua primeira carta, referindo-se ao salmo 34: “Como crianças recém-nascidas, desejai com ardor o leite espiritual que vos fará crescer para a salvação, se *é que tendes saboreado quão suave é o Senhor*” (1Pd 2, 2-3).

O gosto é, na verdade, a primeira sensação que é a fonte de prazer e de júbilo, pois participa da alegria de viver. É bonito ver um recém-nascido no momento que começa a mamar. Suas pequenas mãos que estavam fechadas começam a se descontraírem e então, se abrem largamente. Nós também nos abraçamos quando estamos felizes. Ou ainda, nos alegamos quando partilhamos uma refeição. É por isso que Jesus utiliza esta imagem para falar da alegria que nos espera no céu: “*Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus*” (Lc 13, 29). A união mística é descrita nestes mesmos termos segundo as palavras que o Apocalipse coloca na boca do Cristo: “*Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo*” (Ap 3, 20).

Não existe verdadeira vida espiritual sem esta capacidade de alegrar-se, de saborear espiritualmente, mas às vezes também corporalmente, nossa vida de inteira doação a Deus. A perda deste gosto pode-se chamar acédia que é um estado de desgosto, de desencorajamento para tudo o que diz respeito a vida espiritual, o que pode acontecer em todas as idades. O *Catecismo da Igreja Católica* a define como “*uma forma de depressão devida ao relaxamento da ascese, à diminuição da vigilância, à negligência do coração*” (nº 2733).

A boca é o elemento do gosto. Ela também permite expressar-se e falar. Poder falar é o melhor meio de entrar em contato com uma pessoa e de criar um vínculo de simpatia. São Vicente insiste muito sobre isso na relação com os pobres. Ele disse às Filhas da Caridade: “Depois de ter saudado os doentes duma maneira modestamente alegre, e de vos terdes informado do estado da sua doença, de vos terdes compadecido dos seus males e de lhes dizer que Deus vos envia junto deles para os servir e aliviar em tudo o que puderdes,

deveis inquirir acerca do estado das suas almas” (Conf. de 16 de março de 1642, pág. 41).

A palavra nem sempre é suficiente por si mesma, pois a boca é o lugar onde se revelam, muitas vezes de forma expressiva, nossos sentimentos mais profundos. As primeiras pinturas de São Vicente o representavam com um sorriso afável. Isto corresponde ao seu senso de acolhimento do outro. Ele retomava muitas vezes sobre esse assunto, e em particular sobre a cordialidade que é para ele o sorriso do coração. *“A cordialidade propriamente dita, é o efeito da caridade que há no coração, e assim, duas almas em cujo coração, o santo amor inspirou a mútua caridade, manifestam-no quando se encontram. Se tendes amor aos pobres, manifestá-los-eis quando os encontrardes. Uma Irmã que estima a companheira prova esse sentimento por palavras. A isto se chama a cordialidade que vem a ser um impulso do coração pelo qual damos a entender que estamos com muito gosto a seu lado”* (Conf. de 02 de Junho de 1658, pág. 770).

Não se trata de fazer do sorriso um serviço, aquele sorriso largo, próprio de algumas aeromoças, mas de ter uma qualidade de relações onde os sentimentos expressados são tão verdadeiros quanto profundos. *“O sorriso é um ninho no qual o outro pode começar a viver e a crescer”* (Jean Vanier). São Vicente que no início tinha um caráter colérico, está consciente da exigência de um esforço, como diz às Filhas da Caridade: *“É mister que procureis exercer esta cordialidade, como, por exemplo, ao servir os doentes, deixando transparecer uma certa alegria no rosto, com que manifesteis prazer em tratá-los, em ouvi-los, mas sempre com moderação, para não chegar a excessos....procurai ser cordiais nas palavras, mostrando um semblante agradável que manifeste a alegria do coração”* (X, 489-490).

RESPIRAR A VIDA

O sentido do gosto é o mais frequentemente ligado ao do olfato. É difícil separar estes dois sentidos, sobretudo no momento da refeição. O tema do banquete está sempre presente nos Evangelhos e no livro do Apocalipse que termina com esta beatitude que é retomada na celebração eucarística, precisamente antes da comunhão: *“Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro”* (Ap 19, 9).

No Antigo Testamento, o bom aroma é o sinal de um sacrifício agradável a Deus. Para celebrar o fim do dilúvio, Noé oferece holocaustos a Deus que, segundo o texto sagrado, *“respirou um agradável odor”* (Gn 8, 21). Esta forma de falar retoma várias vezes este termo na Bíblia (Ex 29, 18; Lv 1, 9; Nm 28, 1) e encontra um certo eco na expressão moderna *“viver em ares de santidade”*. É verdade que se pode sentir de longe os perfumes e são como um convite por deixar-se envolver por ele. É por isso que eles são o símbolo da emanção espiritual que podemos ter como o declara São Paulo: *“Somos para Deus o perfume de Cristo entre os que se salvam e entre os que se perdem; para estes, na verdade, odor de morte e que dá a morte; para os primeiros, porém, odor de vida e que dá a vida”*. E São Paulo faz uma pergunta direcionada também a nós, hoje: *“E qual o homem capaz de uma tal obra ?”* (II Cor 2, 15-16).

O olfato está relacionado ao ar que respiramos e que é fonte de vida. Segundo o livro do Gênesis, *“o Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente”* (Gn 2,7). Este sopro que é tão importante é frequentemente traduzido por vida ou por espírito. Quando Jesus ressuscita a filha de Jairo, fala-se que: *“seu espírito (pneuma em grego) voltou”* (Lc 8, 55). Devemos nos conscientizar que o espírito que temos nos permite viver. É neste sentido que nos foi dado por Deus. São Paulo o explica aos habitantes de Atenas: *“O Deus, que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, porque é ele quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas”* (At 17, 24-25).

Ele nos recorda manter em nós este sopro que nos faz viver e que nos ajuda a permanecer fiéis a nossa vocação. Ter o fôlego, é ter a resistência necessária para fazer o que temos para fazer.

TER O SENTIDO DO TATO

O quinto sentido é o tato que tem esta particularidade de nos colocar em contato mais próximo com os objetos e os seres que encontramos. Como tal, é ele que dá o melhor conhecimento ou ao menos, o conhecimento mais objetivo e mais seguro. Esta sensação lhe dá uma força tão particular que é susceptível

de influenciar todas as nossas capacidades. Dizemos por exemplo, que somos tocados profundamente. Os gestos nos revelam sentimentos profundos, como a alegria (2Rs 2, 12), a angústia (Jr 2, 37), a bênção (Gn 48, 14), o juramento (Gn 14, 22). Portanto, a piedade é frequentemente reconhecida como uma atitude que assumimos para rezar. “Coloca-te de joelhos e reza” diz Pascal. O evangelista São Lucas, que fala muitas vezes da oração, afirma que Jesus, no jardim do Getsêmani, coloca-se de joelhos para se dirigir ao seu Pai (Lc. 22,41), enquanto que a atitude normal da oração para um judeu é a posição bípede.

Além do mais, o contato físico que o toque permite realizar é susceptível para transmitir algo de nós mesmos. A imposição das mãos na Bíblia é muito expressiva. Comunica com realismo o caráter da bênção que não é somente palavra, mas ato. Assim, Jesus impõe as mãos sobre as crianças (Mc 1, 16) conferindo-lhes a beatitude que anunciava aos pobres (Mt 5, 3). A imposição das mãos pode ser um sinal de libertação. Através deste gesto, Jesus curava os doentes: “Estás livre da tua doença” disse Jesus a mulher curvada, depois impôs-lhe as mãos e no mesmo instante ela se endireitou (Lc 13, 13). O gesto se repete com a cura do cego de Betsáida (Mc 8, 23) ou para “cada um” dos membros doentes que tinham lhe recorrido após o por do sol (Lc 4, 40). Os apóstolos farão o mesmo. Paulo restitui, através deste gesto, a saúde do governador de Malta (At 28, 8).

A imposição das mãos é também uma marca da consagração, assim como na primitiva Igreja e nos dias atuais. Através dela são transmitidos os dons divinos e principalmente o dom do Espírito Santo. Assim, Pedro e João o conferem aos Samaritanos que não lhes havia ainda recebido (At 8, 17). Através deste mesmo gesto, a Igreja transmite um poder espiritual concernente a uma missão específica, como o fez para a eleição dos sete diáconos consagrados pelos Apóstolos (At 6, 6), ou para o envio em missão de Paulo e de Barnabé (At 13, 3).

O toque nos convida a nos aproximar do outro. Exige um deslocamento. Ele nos incomoda e, neste sentido, é a prova da ação. A mão é o melhor símbolo, como o exprimem as múltiplas expressões que a ela se referem: pegar na mão, estender a mão, dar uma mão, colocar a mão... Em todo o serviço e, mais particularmente, no serviço dos pobres, é importante colocar a mão na massa, sujar as mãos em algo, ou seja, não se contentar com bons sentimentos mas, comprometer-se.

Na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 30-37), Cristo recusa-se a dar uma definição do próximo. Este é definido em função de seu compromisso. O Bom Samaritano não se pergunta sobre a identidade daquele que ele encontra, nem sobre as causas de suas lesões. Ele não calcula o quanto a sua ajuda vai custar. Simplesmente ele o vê e se aproxima, limpa o corpo com óleo, procura algo para dar-lhe de comer, confia-lhe a um hospedeiro. Todos estes gestos correspondem a uma atitude física que faz a riqueza de uma relação humana.

AMAR PARA MELHOR CONHECER

Para São Tomás, como já o dissemos, o conhecimento começa pelos sentidos, mas não se limita a isso como o afirmam os filósofos empiristas, pois ele deve ultrapassar os conceitos. A partir do conhecimento sensível, é necessário retomar o conceito da inteligência que unifica e generaliza o conhecimento. No contexto espiritual que é o nosso, podemos dizer que devemos aprofundar ainda mais para chegar ao amor. Este é o conhecimento do conhecimento, pois, ele revela os valores mais sublimes dos seres humanos. Como se diz, só se conhece bem com o coração. O amor não é um simples sentimento. É uma força interior que organiza, unifica e harmoniza a vitalidade do homem. Vemos esta força no ato de amor humano onde todos os sentidos são facilmente solicitados no seu mais alto grau e mobilizados de maneira exclusiva. Seu amor pode trazer a alegria: alegria de viver, de se sentir em união consigo e com os outros. Um rosto onde se reúnem, precisamente, todos os sentidos físicos, fica radiante de alegria quando está impregnado pelo amor.

Do mesmo modo, no âmbito espiritual, todas as nossas capacidades humanas só podem encontrar seu pleno desenvolvimento se forem sublimadas pelo amor. Sem isto, ficam reduzidas a si mesmas, não tendo outro objetivo senão, o de conservar a vida de nosso corpo. É neste sentido que São Paulo pode afirmar: *“ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não*

sou nada”. (I Cor 13, 1-2). Podemos ser verdadeiramente humanos sem sermos animados pelo amor? A dignidade do ser humano é a sua capacidade de amar através da qual e com a qual ele se aproxima de Deus. Por isso que Cristo declara que não há maior mandamento que o amor à Deus e ao próximo (Mc 12, 31).

Por um lado, é graças aos nossos sentidos que conhecemos a Deus e que podemos torná-lo conhecido. A evangelização acontece também através dos sentidos. “*O que vimos e ouvimos nós vos anunciamos*”, declaram São Pedro e São João às autoridades judaicas que os prenderam. A primeira carta de São João está consagrada ao amor e começa com estas palavras: “*o que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado no tocante ao Verbo da vida... nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco*. (1 Jo 1, 1.3)

Graças ao amor, nossos sentidos são transformados, orientados para além de si. Então, nós o denominamos de sentidos espirituais, que são os sentidos impregnados da experiência profunda do amor de Deus. É com o nosso corpo e através do nosso corpo que podemos expressar o amor que nos faz viver. Quando Cristo define e explica sua missão, proclama que a Boa Nova foi anunciada aos pobres não através de boas palavras, mas através de atos concretos de generosidade. Aos enviados de João Batista, Ele afirma os benefícios físicos concedidos aos pobres: “*Ide anunciar a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem*” (Lc 7, 22).

Por outro lado, podemos nos perguntar como colocamos nossas capacidades físicas a serviço dos outros e de Deus. De maneira mais concreta, refletir como utilizamos nossas faculdades sensoriais, tais como: a visão, a escuta, o olfato, o paladar e o tato. A partir deles podemos nos abrir a ação do Espírito. De acordo com Orígenes: “Cristo torna-se o objeto de cada um dos sentidos da alma”.

Inspirado neste pensamento, Enzo Bianchi afirma: “*na encarnação, a revelação foi introduzida no homem, por meio de todos os sentidos; na economia sacramental, a celebração do mistério envolve todos os sentidos, mas também, exigindo que eles sejam refinados e transformados. Os sentidos não são abolidos, mas ordenados para a fé, orientados pela oração, fundamentados em Cristo e transfigurados pelo Espírito Santo. O batizado pode assim manifestar-se como uma nova criatura: ele “vê” verdadeiramente o Filho de Deus, “ouve”, “escuta” sua palavra, ele o “toca” e alimenta-se dele, “prova-o”, ele respira a vida no Espírito Santo*” (As palavras de vida interior, Cerf, 2011, pág, 24).

É neste sentido que podemos retomar a oração bem conhecida de Santo Agostinho: “*Tarde te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que habitavas dentro de mim, e eu, lá fora, a procurar-te! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criaste. Estavas comigo e eu não estava contigo... Porém, chamaste-me, com uma voz tão forte, que rompestes a minha surdez! Brilhaste, cintilaste, e logo afugentaste a minha cegueira! Exalaste Perfume: respirei-o, a plenos pulmões, suspirando por ti. Saboreei-te e, agora, tenho fome e sede de ti. Tocaste-me e ardi, no desejo da Vossa Paz*” (Confissões, X, 27).

Padre Yves DANJOU, cm

HOJE COM OS FUNDADORES

Desafios atuais

Província de Los Altos Hills

Curso para adultos:
Um serviço de aproximação da escola católica
São Vicente de Paulo
em Phoenix no Estado do Arizona (EUA)

Introdução

*“Senhor, elevo teu nome para o céu, Senhor, eu amo cantar teus louvores!
“Estou tão contente porque estais em minha vida, tão feliz que tenhas vindo nos salvar...”*

Esta foi a primeira canção em Inglês que ensinei, em 2008, às senhoras que vieram ao curso de inglês, oferecido na escola católica São Vicente de Paulo em Phoenix, no Arizona. Na verdade, no início do ano escolar de 2008-2009, doze “grandes senhoras” (como gosto de chamá-las) estavam sentadas ao redor de mesas, mal conservadas, que não serviam mais para o uso em sala de aula. Na primeira semana do curso, pareceu-me bom começar com um canto de louvor, um bom meio para familiarizar-se com algumas palavras em Inglês!

Portanto, aprendemos a pronunciar as palavras desta canção e pesquisamos juntas os seus significados. Nós a cantávamos no início e no fim de cada aula. Encorajada pelo entusiasmo das minhas “alunas”, decidi ensinar o mesmo canto aos participantes de três outras classes. Finalmente, este canto tornou-se o nosso hino!

UM PROGRAMA DE CURSO PARA ADULTOS

A escola católica São Vicente de Paulo, sob a responsabilidade das Filhas da Caridade, está situada no bairro de Maryvale em Phoenix no Arizona. Como todas as escolas das Filhas da Caridade, esta visa educar a criança em sua globalidade. Como educadoras, as Irmãs acreditam que os pais têm um papel essencial na educação de seus filhos, para isso, é importante que eles tenham o necessário conhecimento.

Os alunos são, em sua grande maioria, originários da América Latina ou hispânicos. Durante as reuniões com os professores, os tradutores devem participar para facilitar a comunicação. Nos dias de aula, quando uma mãe de origem espanhola deseja falar com o professor sobre seu filho, ela depende da criança para traduzir o que quer dizer ao professor. Isto é extremamente embaraçante sobretudo, quando a criança tem dificuldades de aprendizagem.

Diante desta necessidade de comunicação entre os professores e os pais dos alunos, desenvolvemos um **Programa de cursos para adultos** para o ano escolar de 2008-2009, a fim de permitir um conhecimento básico da língua inglesa para todos estes pais hispânicos e, assim, dar-lhes condições para ajudar seus filhos nos trabalhos escolares em vista de um melhor resultado. Isto dá confiança aos pais para abordar outras questões importantes concernentes à vida de seus filhos.

Levando em consideração todos esses elementos, o primeiro curso de inglês para os pais dos nossos alunos começou em agosto de 2008. Três sessões são propostas para as mães, de segunda a quinta-feira, com duração de uma hora e meia cada uma: a primeira, para as mães que levam seus filhos para a escola; a segunda, para as mães que acompanham os filhos no maternal, e a terceira, para as mães que vêm buscar seus filhos na escola.

Logo que os pais que trabalham durante o dia tomaram conhecimento deste curso de inglês, pediram para que fosse criado um curso noturno. E foi assim que iniciamos as aulas, duas vezes por semana. Todos os cursos são oferecidos gratuitamente.

O PRIMEIRO ANO

Há alguns anos foi produzido o filme “Campo dos sonhos”. O personagem principal tinha construído um campo de “baseball” com esta convicção: “Se você construir, eles virão”. Esta ideia do programa de formação de adultos brotou durante uma conversa com Irmã Margaret Keaveney, Visitadora da Província do Oeste dos Estados Unidos, por ocasião de sua visita a nossa Comunidade em 2008. Com a sua aprovação e o apoio das Irmãs da Comunidade local, comecei a reunir e a integrar as informações sobre a formação para adultos. Antes do início das inscrições, rezei pedindo ao Senhor para permanecer aberta a sua vontade e que Ele me ajudasse a superar a minha ansiedade diante desta questão: “E se ninguém aparecer? Qual será a outra solução?” Era preciso aguardar pacientemente, como nos aconselhavam nossos fundadores.

No dia da inscrição, algumas senhoras apareceram. Primeiramente três, depois cinco e finalmente quinze, o que nos permitiu começar a primeira sessão. A informação se espalhou rapidamente junto às outras mães. Algumas perguntaram: “Será que minha cunhada pode vir?” ou “eu tenho uma vizinha que está interessada, ela pode vir?”. Não recusei ninguém, mesmo se não eram os pais dos alunos. Muitas vezes, elas respondiam sim a uma questão que eu lhes fazia: “Você vêm a nossa Igreja São Vicente de Paulo?”

O primeiro dia

Dizem que todo professor se lembra da aula do primeiro dia do ano letivo. Esta é a minha experiência. Durante os quatro primeiros anos de minha carreira de professora de educação infantil e educação fundamental I, lembro-me muito bem destes primeiros dias. O mesmo acontece com este curso de adulto. Eu havia preparado tudo, inclusive meu coração e meu espírito para aprender com elas. A exemplo delas, eu também tinha limitações pois, mesmo conhecendo suficientemente o inglês de base para ensinar, sabia pouquíssimo o espanhol. Estávamos no mesmo barco, pobres na língua do outro. No entanto, juntas nos divertimos muito! Iniciamos o primeiro dia com um caloroso acolhimento, cumprimentos, apresentações e entre risos, nos esforçávamos para pronunciar as palavras corretamente - elas em Inglês e eu em espanhol. Ao mesmo tempo que lhes explicava o desenvolvimento do dia - as saudações, a oração, as lições, etc., percebia seu entusiasmo, e o desejo de aprender e de comunicar-se, o que me fascinava. Este primeiro dia passou muito rápido!

As atividades do primeiro ano

Iniciávamos as aulas com uma oração. Começávamos rezando uma Ave Maria e o Pai Nosso em espanhol, depois em inglês. Após a oração pedia-lhes que falassem sobre o seu dia, como seus filhos se comportavam na escola e abordávamos todos os assuntos que quisessem partilhar. Depois, nos lançávamos na aprendizagem: as sílabas, os elementos de um discurso, a construção das frases, as frases da vida quotidiana etc. Terminávamos sempre com uma oração.

Os dias e as semanas passaram, as senhoras construíram relações de confiança entre si. A partilha sobre sua vida quotidiana, sobre o que haviam vivido antes e o que estavam vivendo atualmente, tornou-se cada vez mais profunda e natural suas esperanças para futuro. Ao longo destas partilhas, me pediram para aprofundar a Bíblia. Após uma breve hesitação, devido ao meu limitado conhecimento de espanhol, começamos o curso da Sagrada Escritura, na quinta-feira. Utilizamos também para a nossa reflexão, um livro bilingue inglês-espanhol, intitulado “Uma fé viva”.

Todas as quartas-feiras, as alunas participavam da Eucaristia. As senhoras que faziam o curso às 8h30, participavam da missa com as crianças. As demais, eram convidadas mas, apenas algumas participavam.

Começamos a celebrar os aniversários natalícios e depois os de casamento. Após o “programa de incentivo a um estilo de vida saudável” na escola, as senhoras davam banhos nas crianças das outras mães, que estavam novamente grávidas. Celebramos também o dia de Ação de graças juntas, com uma refeição muito simples. Cada uma trazia uma quantidade suficiente de suas especialidades culinárias e assim, descobriram o significado desta festa que não conheciam.

Para preparar o Advento, um Padre Lazarista orientou um dia de retiro, na Sexta-feira, para aquelas que o desejassem. Dezoito senhoras saíram diferentes do curso, e participaram do Centro de renovação franciscana na Scottsdale, no Arizona. É um lugar muito bonito e favorável à meditação. Para a maioria delas, foi a primeira vez. Isto lhes permitiu deixar momentaneamente suas tarefas domésticas e dedicar um tempo para Deus que as ama com um amor incondicional. Celebramos a Eucaristia e entoamos o canto que havíamos aprendido alguns meses antes.

Em razão das refeições partilhadas, uma das senhoras disse que havia engordado! Então sugeri a prática de exercícios físicos, todas as sextas-feiras. Quinze senhoras vieram na primeira sexta-feira.

Posteriormente, o horário mudou: cada semana, o número oscilava entre sete e oito para uma boa sessão de treinamento!

Uma das senhoras, Sílvia, que tocava violão, se propôs a dar aulas de violão para aquelas que estivessem interessadas. Então, acrescentamos esta nova atividade na sexta-feira. Depois uma outra senhora, Maria, costureira no México, sugeriu dar aulas de costura para aquelas que desejassem.

Em fevereiro, os membros da comunidade educativa pediram à Sílvia para organizar na escola, um pequeno concerto para o baile de São Valentim (dia dos namorados) para o qual as senhoras com seus maridos foram convidadas. Ela aceitou cantar e tocar violão. Todos se divertiram muito e sentiram-se integradas à comunidade educativa.

Como o ano escolar chegava ao fim, propus um curso de três semanas durante as férias. Dezoito senhoras se inscreveram.

As senhoras me ensinaram

Quando o ano letivo terminou, fiz um retiro anual e refleti sobre a maneira como estas senhoras foram excelentes professoras para mim. Quando tentei ensinar-lhes inglês, reconheci que elas me ensinaram muito mais. Durante as reflexões apostólicas, eu partilhava com as Irmãs de minha Comunidade a fé simples e profunda destas senhoras, sua confiança inabalável na divina Providência, sua tenaz perseverança nos momentos difíceis, seu sentido de gratidão e a aceitação mútua. Verdadeiramente, rendo graças a Deus por elas.

O SEGUNDO ANO

Em preparação do segundo ano deste Programa, pensei nas possíveis melhorias que poderiam ser feitas.

O primeiro ponto que me veio à mente foi o aperfeiçoamento da informação. Até aqui eu não tinha feito propaganda, então coloquei nas proximidades da secretaria, no hall de entrada e na janela da sala de aula, pensando nos paroquianos. Setenta e cinco adultos se inscreveram ou expressaram interesse por este programa. Dentre estes, vinte e cinco haviam terminado o primeiro ano.

O segundo aspecto dizia respeito ao período das inscrições. O programa tinha começado em agosto de 2008, e em Abril de 2009 parei de aceitar novas inscrições. O número daquelas que tinha perseverado correspondia ao número daquelas que tinha começado o curso desde o início. Aquelas que tinham chegado mais tarde, tinham uma tendência a abandonar, mas...

O terceiro aspecto dizia respeito a uma considerável aceitação de pessoas para este programa. Na verdade, eu não tinha jamais procurado saber porque as senhoras faltavam ao curso.

O quarto aspecto concerne à contabilidade.

Para o segundo ano do programa, solicitei a Irmã Diretora da Escola a possibilidade de abrir oficialmente um programa na paróquia, enquanto instituição, com mensalidades reduzidas. Entretanto, a prioridade deste programa permanecia para os pais ou os tutores dos alunos da escola que seriam aceitos gratuitamente. As outras pessoas da paróquia ou do exterior, interessadas pelo curso, deveriam pagar as taxas escolares. Esperava assim, incentivar as senhoras para virem mais regularmente ao curso.

O informativo paroquial fez a propaganda do programa, deixando claro que nenhuma inscrição seria aceita antes da última semana de setembro.

Dois cursos do segundo ano foram propostos - um durante o dia e outro à noite. Dentre as vinte e cinco senhoras que haviam terminado o primeiro ano, vinte expressaram o desejo de continuar e, três novas inscrições foram feitas. Finalmente, seis sessões (quatro para os iniciantes e duas para o segundo ano) foram

colocadas a disposição dos adultos da escola e da paróquia. Os cursos aconteciam sempre de segunda a quinta-feira, a sexta-feira era reservada às atividades extracurriculares: atividades físicas, violão e costura.

Foi solicitado aos adultos (eu não poderia mais chamá-las de "senhoras" porque certos cursos acolhiam também homens) que eles deveriam avisar quando tivessem que faltar. Três ausências seguidas, sem aviso prévio, retiravam-lhe o direito de continuar o curso.

Quase cem adultos fizeram sua inscrição. No início do ano, cada curso havia entre quinze e vinte e duas pessoas. A assiduidade manteve-se boa até o Natal. A mesma metodologia do ano anterior foi implementada. Começávamos e terminávamos o dia com um momento de oração. O curso sobre a Sagrada Escritura foi transferido para a quarta-feira, após a missa da escola.

Em julho de 2009, os Padres Lazaristas deixaram Phoenix. E por isso, as senhoras não puderam mais fazer o retiro durante o Advento. Elas me pediram para dirigir este retiro mas, diante do nosso conhecimento limitado do espanhol, eu não me sentia bastante a vontade, mesmo se as senhoras já tivessem progredido no inglês. O projeto do retiro para a Quaresma também não foi realizado.

Como no ano anterior, as senhoras e alguns homens encontraram-se para o almoço de Ação de Graças. Esta foi uma oportunidade para uma maior proximidade. Foi incrível perceber como a maioria dentre eles, já se conheciam, enquanto membros da mesma família, vizinhos ou amigos.

Em fevereiro de 2010, a escola festejou seus 50 anos. As portas foram abertas e as senhoras que tinham aprendido a tocar violão, tocaram duas canções espanholas e uma nova canção em Inglês: "Abrir os Olhos". Elas encontraram a Irmã Marjory Ann Baez, FC, nossa nova Visitadora.

O que o futuro nos reserva

No momento em que escrevo este artigo, uma nuvem escura paira sobre o Estado do Arizona, especialmente sobre os imigrantes sem documentos, com a assinatura do projeto de Lei 1070, aprovado pelo Governador do Arizona. A maioria das senhoras das quais estou a serviço, pertence a esta categoria. Mesmo se a maioria, dentre elas, vive a muito tempo nos Estados Unidos (algumas há quase quinze anos), elas não têm os documentos adequados para permanecer legalmente aqui. Não lhes perguntei porque, mas imagino que o medo de serem descobertas as impediram de realizar as etapas necessárias para obter os papéis que lhes seriam autorizadas para permanecer legalmente no país. Muitas, dentre elas, contaram-me de que maneira entraram nos Estados Unidos e os riscos que correram. Agora, elas encontram-se diante de um futuro incerto e meu coração está pleno de tristeza pois, eu também sou imigrante.

Desde a assinatura da Lei 1070, começamos cada aula com uma oração para pedir ao Senhor a força e a coragem para viver. Tento ajudá-las a guardar a esperança e continuar a crer no amor onipotente de Deus.

Após as férias natalinas, o número de participantes diminuiu devido a um novo emprego ou uma doença. Depois, por medo das consequências da Lei 1070, a abstenção aumentou. Só posso dizer-lhes estas palavras de Jesus: "Não se perturbe o vosso coração. Credes em mim e naquele que me enviou".

Mesmo que este curso seja necessário, devemos esperar a resolução do problema concernente à imigração e sua reforma, para continuar no ano seguinte, após os cursos de verão.

No dia da festa das mães (09 de maio nos Estados Unidos e 10 de maio no México), cada uma das senhoras me cumprimentaram com um caloroso abraço desejando uma "Feliz Festa das Mães". Eu lhes disse: "Obrigada, mas eu não tenho filhos". Elas riram e responderam: "Sim, nós!" Isto tocou-me e dei graças a Deus pela alegria de conhecê-las.

Irmã Patricia CALICA
Filha da Caridade

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

NOMEAÇÕES

DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS

PROVÍNCIA DA ETIÓPIA: Irmã Tiblets BARAKI foi designada Visitadora, em substituição de Irmã Aster ZEWDIE, em 15 de dezembro de 2010.

PROVÍNCIA DE MADAGASCAR: Irmã Lucie RAZAFINDRASOA foi designada Visitadora, em substituição de Irmã Madeleine HAOVASOA, em 15 de dezembro de 2010.

PROVÍNCIA DO EQUADOR: Irmã Piedad ROJAS ENCALADA foi renomeada Visitadora por três anos, em 3 de janeiro de 2011.

* * * * *

NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS

PROVÍNCIA DE PORTO RICO: o Padre Manuel PRADO ESTEVEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 11 de janeiro de 2011.

PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL: o Padre Aaron GUTIERREZ NAVA, da Província do México, foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos renováveis, em 28 de janeiro de 2011.

PROVÍNCIA DE PORTUGAL : o Padre Luciano DA COSTA FERREIRA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos em tempo parcial, em 16 de março de 2011.

PROVÍNCIA DA ÁFRICA CENTRAL: o Padre Nestor GOMEZ PERALTA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos em tempo parcial, em 24 de março de 2011.

PROVÍNCIA DA TAILÂNDIA: o Padre Victor PACHECO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 27 de abril de 2011.

PROVÍNCIA DE SÃO SEBASTIÃO: o Padre Francisco Javier LOPEZ LOPEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 27 de abril de 2011.

PROVÍNCIA DA AMAZÔNIA: o Padre Raimundo Nonato CANDIDO DA SILVA, da Província de Fortaleza, foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 27 de Abril de 2011.

SEMINARIUM

De 3 a 22 de maio de 2011 na Casa-Mãe,

76 Irmãs aprofundaram o tema:

“Para formar, deixemo-nos transformar pelo Espírito”.

“As Filhas da Caridade procuram ser dóceis às inspirações do Espírito, convencidas de que, na medida em que forem fiéis, serão instrumentos de suas obras” (C.17c).

TESTEMUNHOS DAS IRMÃS

PROVÍNCIA DO HAITI

À serviço dos doentes de cólera

Em meados do mês de outubro de 2010, uma epidemia de cólera devastadora atinge o Haiti. Manifestada inicialmente no centro do país, nos departamentos de Artibonite e do Plateau central onde estão abrigados numerosos sobreviventes do terremoto de 12 de janeiro de 2010, a epidemia se propaga muito rapidamente. Com o rio contaminado, as cidades enfrentam o crescente número de doentes. Somente no departamento de Artibonite, centenas de pessoas morreram vítimas da doença e a propagação da epidemia causa estragos em Gonaives. No local não há equipes médicas suficientes para prestar, rapidamente, os cuidados necessários. Diante desta novidade alarmante, a Província decidiu enviar o mais rápido possível, um grupo de Irmãs para servir os doentes de cólera.

As Irmãs partem imediatamente para **Drouin**, próximo de Gonaives, lugar onde a direção do Departamento de Saúde organizou as primeiras ações contra a cólera. Ali, as Irmãs de Porto-Príncipe se uniram às primeiras levando consigo caixas de leite, suporte para soro e camas adaptadas. Depois, chegaram os Médicos sem fronteiras, e as Irmãs puderam, assim, melhorar os procedimentos e a maneira de tratar a cólera.

Um novo evento agravou a situação: no início de novembro, um ciclone foi anunciado para os próximos dias. As Irmãs assumiram a direção do hospital “Alma Mater” de **Gros Morne** que pertence à Caritas. Hospedando-se na Casa das “Irmãs de Jesus e Maria”, que fica próximo do hospital, começam a preparar as salas do hospital para enfrentar o ciclone. Nestes dias de mal tempo, os doentes mais distantes não puderam dirigir-se ao hospital. Quando o furacão “Thomas” chegou, provocou grandes destruições e os doentes ficaram em uma situação lastimável: expostos ao vento, a chuva e ao frio. O número de doentes crescia diariamente: mais de 200 por dia. No hospital, não há mais leitos, os doentes são instalados em todos os lugares, sobre papelões, plásticos ou bancos. As Irmãs colocam pregos nas árvores para pendurar os frascos de soro. As mortes se multiplicam e o material se esgota rapidamente. Todas as Comunidades das Filhas da Caridade estão mobilizadas e o serviço dos doentes de cólera torna-se a prioridade da Província. Enfim, a Catholique Relief Service (CRS - Serviço de Auxílio Católico) e os Médicos Sem Fronteiras (MSF) vêm em socorro do hospital de Gros Morne e trazem ajuda material e pessoal. Após alguns dias, o número de doentes diminui em Gros Morne.

Após terem recuperado as forças na Comunidade de **Gonaives**, as Irmãs dirigem-se para outro lugar mais isolado, onde a doença se propaga, no entanto, tiveram a alegria de descobrir que a Igreja protestante, que já havia chegado no local, trabalhava de maneira eficaz.

As Irmãs partem imediatamente à **Labranle** para trabalhar em um pequeno dispensário pertencente à Caritas. Neste local, diariamente, os doentes chegam em estado grave de desidratação. Felizmente, duas Irmãs da República Dominicana unem-se ao grupo, e a Caritas envia camas, material médico e produtos sanitários. Em seguida, os Médicos sem Fronteiras chegam trazendo ainda mais material e asseguram a transferência dos doentes mais graves para o hospital de Gonaives. Numerosos habitantes de Labranle se organizaram para providenciar um local para um centro de tratamento de cólera. No início de dezembro, a situação melhora e as Irmãs partem para **Porto Príncipe**.

A doença está igualmente instalada na capital, onde mais de um milhão de pessoas continua vivendo em condições precárias, desde o terremoto. É sobretudo na Cidade do Sol que a cólera é mais grave. Além do mais, a instabilidade política e as manifestações tornam difíceis a circulação na cidade. Como precaução, as Irmãs permanecem em Porto-Príncipe alguns dias. Depois, diante de outros novos apelos alarmantes, em Mirebalais e Lascaobas, elas partem para estes vilarejos e o Padre Diretor as acompanhará em sua viagem.

Chegando em **Lascaobas**, as Irmãs começam imediatamente o trabalho junto aos doentes em um pequeno hospital financiado por uma ONG. Alguns dias mais tarde, uma jovem enfermeira avisa às Irmãs

sobre um pedido de socorro captado pela rádio dos habitantes da montanha, ao norte de Mirebalais, no departamento Central.

Um grupo de Irmãs coloca-se a caminho em direção à **Mirebalais**. É uma região muito pobre. Não há escola, nem dispensário... na realidade, não existe nada. O acesso à água potável é escasso, a estrada intransitável, e o transporte só é possível a cavalo. As pessoas se sentem abandonadas por todos. Após sua chegada, as Irmãs fizeram um relatório da situação para o Serviço de Saúde Pública. Elas contactaram agentes de saúde, padres e outros responsáveis. Durante quinze dias, reuniram os aldeões e lhes propuseram um programa de educação sanitária para conscientizá-los e preveni-los contra novos casos de cólera. Alguns dias antes do Natal, a situação já estava sob controle e as Irmãs puderam celebrar a festa do Natal com a população. Elas prepararam com as crianças uma apresentação sobre o nascimento de Jesus e deram uma pequena catequese, com os meios pedagógicos. Os adultos que integram o programa de formação também participaram através de cantos e poemas. Para fazê-los descobrir a Boa Nova de Jesus Cristo, as Irmãs organizaram um jogo com base catequética e terminaram com a distribuição de doces e pequenos brinquedos. As Irmãs viveram um verdadeiro Natal que jamais vão esquecer.

Mesmo que esta experiência tenha sido desafiadora, as Irmãs são gratas a Deus pela força que as acompanhou e que permitiu servir à mais de três mil doentes, em um mês. A avaliação revelou a disponibilidade de todas as Irmãs na Província, a proximidade dos Superiores, a ajuda internacional das Filhas da Caridade da Espanha, da França, da República Dominicana, de Porto Rico e de tantas outras que manifestaram sua disponibilidade para ajudar. Obrigada.

Irmãs da Província do Haiti

Capela da Medalha Milagrosa

BEM-AVENTURADO SERVO DE DEUS, DOM VLADIMIR GHIKA

Homilia de Dom Roku

Queridos Irmãos e Irmãs,

No Evangelho de hoje, dos dez leprosos curados por Jesus, um vendo-se curado, retornou dando glórias a Deus em alta voz e se prostrou aos seus pés para lhe render graças.

Igualmente, na primeira leitura encontramos algo semelhante: vendo-se curado da lepra, Naaman reconheceu a grandeza e a majestade de Deus e prometeu não mais oferecer sacrifícios a outros deuses, somente ao Deus de Israel.

As outras duas leituras bíblicas louvam a beleza e a importância da gratidão. O homem, tendo recebido ajuda de Deus, deve glorificá-lo e dar-Lhe graças.

É isto que fazemos agora, na Santa Missa: rendemos graças a Deus, por nos ter dado Dom Ghika, agradecemos-lhe por todos os talentos que Ele colocou em sua vida e em seu coração. Agradecemos a Deus por tê-lo chamado ao sacerdócio e ao martírio, no meio do nosso povo romeno. Seu compatriota, Dom Charles Molette descreve com uma admirável síntese o caminho do martírio de Dom Ghika: “Dom Ghika apareceu, portanto, como vítima de sua fidelidade a fé católica, assim ele é vítima de uma indefectível comunhão - dom de sua vida, de sua atividade e de sua multiforme caridade - com o sucessor de Pedro. E este processo trás a luz o caráter da perseguição contra a Igreja católica” (Príncipe, sacerdote e mártir, AED, Paris, 2007, p. 83).

Tenho certeza que Dom Ghika pode nos ensinar alguma coisa sobre o dever do reconhecimento pois, nós também, tal como os leprosos, citados no Evangelho de hoje, nem sempre sabemos demonstrar nossa

gratidão. Eis alguns pensamentos de Dom Ghika sobre esse assunto: Não devemos nos surpreender nem nos queixarmos da ingratidão. A gratidão é mais rara e superior que o benefício. Quando a testemunhamos, damos mais do que recebemos.

A gratidão deve ser o impulso de uma ternura, não uma pretensão a qualquer equilíbrio.

Se a beleza é admirável, é porque encanta, porque ela é um grito de admiração e de gratidão.

Se sofres injustamente, agradeça a Deus pela injustiça, como pelo sofrimento... preferirias, aliás, ter que sofrer justamente?

Devemos agradecer por toda alegria, pois é fácil e é o nosso primeiro dever (pois são semelhantes).

Obrigado é uma palavra que se deve saber demonstrar; não é o bastante saber dizer.

Nossa presença aqui é uma tentativa de mostrar nossa gratidão a Deus, por nos ter dado seu servo, Vladimir Ghika.

E o bom Deus nos deu algo mais: por intermédio de Dom Vladimir Ghika, as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo chegaram à Romênia. Por isso expressamos aqui nosso reconhecimento. Como isso aconteceu ?

Em Salônica, Vladimir conheceu Irmã Marianne Pucci (nome de Comunidade: Irmã Elisabeth), Filha da Caridade de origem florentiana. Ali, ela dirigia o hospital São Vicente de Paulo, mas, sua atividade não se restringia a Instituição. Em suas Memórias, o Príncipe Demétrio escreve assim:

“Através de uma disposição, datando de muitos anos, as autoridades turcas não nos permitiam ir às aldeias, palco dos massacres cometidos pelos Comitadji. (...) A única personalidade cristã para acompanhar a polícia nas investigações dos massacres era a Irmã Pucci, Superiora das Filhas da Caridade, dirigente do hospital de Salônica ; os turcos haviam lhe conferido o grau honorífico de Coronel e esta admirável mulher andava a cavalo, em condições de igualdade, com os soldados, através de montanhas e vales, nas encostas da Macedônia para levar socorro, diminuir os sofrimentos, trazendo de volta os feridos e confortando as almas: nós nos perguntávamos por qual força miraculosa poderia manter, em ritmo, um corpo frágil e doente (somente um rim, um pulmão manchado...) Imagem da energia tenaz e da atividade criadora, a boa Irmã deve estabelecer mais tarde, na Romênia, a partir sob as sugestões de meu irmão, um Sanatório modelo, em Bucareste, para o cuidado dos doentes acometidos de cólera depois da Campanha no Lázaro em 1913 (Danúbio) e aqueles da guerra em Jassy em 1916-1918 para os doentes acometidos de tifo. É neste lugar que morrerá. Agora, ela repousa nesta terra romena para a qual ela deu sua vida”.

Ela é para Vladimir “um testemunho abrasador da caridade de Deus”.

Foi por isso que ele teve a iniciativa de levar as Filhas da Caridade para a Romênia. Ele retorna à Bucareste em 1905 e multiplica as iniciativas para que isto aconteça. Escreve cartas insistentes ao Visitador dos Lazaristas e das Filhas da Caridade da Província de Constantinopla que já estavam sensibilizados por este projeto, através da Irmã Pucci.

É quase “clandestinamente” que Vladimir Ghika consegue trazer as três primeiras Irmãs para o país. Na Romênia, existia na época uma exposição universal e os estrangeiros podiam passar pela fronteira, mesmo sem os documentos necessários. Foi assim que as Filhas da Caridade entraram na Romênia. Seu sucesso foi imediato, beneficiando-se da reputação e do apoio da Rainha Elisabeth que as visitou logo após sua instalação. Desde o início, a casa das Filhas da Caridade de Bucareste volta-se para os pobres da cidade, especialmente através da criação de um centro de saúde. Depois, o arcebispo, Dom Nethhammer, coloca a disposição das Irmãs, o antigo arcebispado católico situado na aldeia vizinha, Cioplea, possibilitando a abertura de um orfanato.

Diante do sucesso destas obras, nasce um novo projeto do sanatório destinado aos pobres. Conta com o apoio do Dr. Paulesco e uma benfeitora, a senhora Arion-Pâcleanu que oferta o terreno sobre o qual será construído um dispensário e o sanatório.

A primeira Guerra Mundial eclodiu e todo o país foi ocupado pelas tropas dos Impérios Centrais. O governo, os habitantes e as Irmãs fugiram para Iasi até o final da guerra. As condições de vida nas zonas não ocupadas da Romênia são muito difíceis. A guerra ocasionou devastações causando fome, doenças, dentre as quais o tifo, que afeta tanto os militares como os civis, sem esquecer as desordens provocadas a partir de 1917 pela anarquia que vence as tropas russas que defendiam a linha de frente da Moldávia. É nesta circunstância que no dia 26 de março de 1918, a Irmã Pucci morre.

Apesar do retorno da paz em 1918, as coisas se estabelecem lentamente em Bucareste. Não esqueçamos que a Romênia permanece em estado de guerra até 1920, ameaçada ao norte e ao leste pelo bolchevismo húngaro e russo.

A Irmã Pucci não está mais aqui, faltam recursos, a propriedade dos bens imobiliários das Irmãs foi contestado. Fala-se em fechar a missão de Bucareste. Apesar dos esforços, o Monsenhor vê sua obra desaparecer pouco a pouco.

Ele reza e pede orações. Finalmente, a Providência vai agir na pessoa da Irmã Soize que assume a direção da casa. Mulher de caráter, excelente organizadora, consegue reconstruir as obras de fundação. É graças a ela que uma grande parte das obras das Filhas da Caridade atingiu a amplitude que se conhece, entre o período das duas guerras.

Foi em Paris que Vladimir Ghika tornou-se padre da Missão. Engajou-se junto aos pobres em um bairro popular de Villejuif e em muitos outros setores. No entanto, a cada ano, parte para a Romênia para ver Irmã Soize. Seus diários evocam estes encontros.

A partir de 1939, ele retoma realmente o contato com as Irmãs. Há muito tempo, ele desejava criar na Romênia um centro para os leprosos, com os quais almejava terminar seus dias. Ele vai permanecer na Romênia, retido pela guerra e, deste fato, estará em contato regular com as Irmãs. Em 1948, ele voltará a morar na casa dos padres, situado próximo ao sanatório. Mais tarde, partilhará um quarto na casa de seu irmão, que havia seguido o rei no exílio. Os comunistas, chegando ao poder, vão prendê-lo.

Preso, condenado por conspirações com o inimigo (o Vaticano), morre nos cárceres comunistas em 1954.

Queridos irmãos e irmãs, não posso esquecer que acabei de evocar a figura de Dom Ghika e das Filhas da Caridade sob o olhar da Virgem Maria. Na Medalha milagrosa está escrito esta oração “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”. Em algumas comunidades da Romênia, acrescenta-se: “Rogai também por aqueles que não recorrem a vós, sobretudo pelos inimigos da Igreja e todos os que precisam de sua ajuda”.

Sim, rezamos também pelos inimigos da Igreja, mas hoje, rezamos pelos amigos da Igreja, pela família religiosa de São Vicente de Paulo, pelas Filhas da Caridade.

“Ó Maria concebida sem pecado, recebe nossa oração e guia a beatificação do Servo de Deus, Vladimir Ghika”.

Dom Roku
Homilia proferida na Capela da Medalha Milagrosa

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

PROVÍNCIA FRANÇA NORTE

NO CENTRO DE UM BAIRRO

Somos três Filhas da Caridade, moramos num apartamento em um conjunto habitacional, chamado HLM, no bairro de Madaleine na cidade de Evreux - Eure (França). Para melhor compreender a vida cotidiana, apresentamos aqui alguns dados: Evreux é uma cidade de 50.000 habitantes, cuja metade vive neste bairro periférico classificado como “zona prioritária”. Quotidianamente setenta e seis nacionalidades convivem lado a lado! De acordo com as últimas estatísticas, 65% desta população está desempregada. Com as reformas urbanas, muitos moradores partiram deste bairro. Permanecem somente as famílias pobres que não têm para onde ir, e cujos lares estão fragilizados pela doença ou pelo divórcio de um ou vários filhos. Não é raro ver uma senhora, sozinha, de setenta anos, acolher em sua casa um filho ou uma filha, com seus dois ou três filhos. E por quanto tempo? Percebe-se rapidamente, que as economias são insuficientes.

Na década de 70, de acordo com uma solicitação do governo da época, inúmeras pessoas chegaram a este bairro, vindas do Senegal. Hoje, é uma comunidade muito jovem, colorida, ativa e viva.

Vivendo neste bairro desde a criação, temos acompanhado a mudança da população para estes apartamentos, mais baratos e espaçosos, na periferia. Esta proximidade de vida é um sinal para as pessoas, uma solidariedade. Muitos dos nossos antigos vizinhos pediram um apartamento próximo do nosso depois que o prédio, onde habitavam, foi destruído.

Quando os carros queimam próximo dos prédios, sentimos os mesmos medos. Em 2008, o toque de recolher obrigatório de três semanas, instaurado após as graves violências urbanas, nos impediam de sair. A situação era muito difícil e insegura à medida que as semanas passavam. No nosso bairro, constatamos um mundo globalizado, onde os pobres são cada vez mais pobres e os jovens não têm futuro. Abdefattah nos diz: “Quando não se tem nada para fazer e nem dinheiro, o que se pode fazer? Nós queremos trabalhar”.

Durante o feriado de Todos os Santos de 2009, eu atravessava, como de costume, o Centro comercial, que fica bem próximo de nossa residência. Lá é o refúgio de jovens que passam o dia todo, até o início da madrugada. Este lugar foi incendiado em março de 2009: como resultado, dois consultórios médicos foram destruídos e os médicos foram instalar-se em outro lugar! Uma parte da farmácia foi atingida, bem como um laboratório próximo.

Em junho de 2010, os próprios fisioterapeutas foram assaltados; em consequência, um deles já partiu, o segundo espera uma oportunidade para mudar-se, após vinte anos de bons serviços no bairro!

No total resta lamentavelmente, uma galeria sombria, suja, com fios elétricos soltos e pendurados, vigas e barras de ferros espalhados pelo chão, misturados com lixo e plástico derretido, aumentando a poeira e o cenário caótico do local, as numerosas pinturas de grafites que manifestam uma linguagem codificada acessível aos novatos, apesar de tudo, dão um colorido ao local.

Eu olhava tudo isso, perplexa, quando chegou um jovem do Maghreb entre dezoito e vinte anos: Karib disse-me: *“Irmã, você veio para visitar?”* *“Bem, estou olhando!”* respondi. E o diálogo então começou. Eu lhe disse: *“Não é possível que vocês permaneçam aqui. Vocês não têm um outro lugar para ir? Há muita corrente de ar e não é bom para vocês”*.

- *“Nós pedimos uma sala onde pudéssemos conversar, nos encontrarmos, mas já passaram dois anos e continuamos esperando. Não temos nem sequer uma resposta”*.

Fiquei um momento para ouvi-los e lhes prometi voltar para visitá-los.

No dia seguinte, à noite, eu estava no acolhimento das pessoas de rua, onde vou regularmente. Lá, encontrei-me com Rachid, o irmão de Karib, e lhe falei sobre um e-mail que eu havia recebido do projeto *“Terra Solidária”*, que propõe aos jovens entre dezessete e trinta e cinco anos, para ir este ano ao Senegal, a

fim de descobrir a vida das pessoas deste país e participar de pequenos projetos locais, como, por exemplo: cavar poços para fornecer água potável, criar jardins solidários, ajudar a estabelecer uma estação de rádio local para o hospital, ajudar uma fazenda solidária.

- *“É uma ideia genial, diz Rachid, vamos colocar este projeto em ação!”*.

Quinze dias depois, um jovem africano do bairro, Youssef, foi assassinado com sete facadas nas costas, pois ele havia se convertido à religião católica. No dia do enterro, cinquenta policiais estiveram presentes na Igreja, e os muçulmanos ficaram do lado de fora. Tivemos medo de afrontamentos, mas tudo permaneceu calmo.

Então, pensei: *“Nosso projeto fracassou! Como fazer para conviver durante três semanas, muçulmanos e cristãos no Senegal? Isto não é uma provocação?”*.

Partilhando minha inquietude com Rachid, ele me responde: *“Ao contrário, é preciso que eles compreendam que fomos feitos para viver juntos! Isto não é o Islam! É preciso mantermo-nos firmes para que o nosso projeto se realize!”*

Após múltiplas negociações junto aos jovens, aos seus pais e responsáveis, quatro jovens do bairro foram fazer a experiência. Ao todo, no dia 8 de julho, vinte e quatro jovens viajaram para o Senegal, do qual quatro são do nosso bairro. Em Junho do ano passado, muitos destes jovens haviam recebido o Sacramento da Confirmação, e para eles, foi o compromisso de se colocarem a serviço dos seus irmãos.

Os quatro jovens do bairro são:

- Dioukine, 17 anos, cursando o último ano do 2º grau, escolheu ajudar na fazenda solidária: limpeza do chiqueiro e cuidado dos porcos.
- Karib e seu companheiro, Miloud, desempregado, participaram, com uma equipe, na instalação de uma rádio local.
- Thilou, 17 anos, cursando o 2º ano, ajudou na construção de um poço.

Sábado, 31 de julho, Thilou me telefona: *“Estou chegando, estamos em Paris, foi fantástico, mas muito duro, pois não temos o costume de fazer este tipo de trabalho. Agora, conhecemos muitas pessoas as quais ajudamos e que contam conosco, nós voltaremos, elas nos esperam”*.

Conclusão

Para nós, viver nossa missão de Filha da Caridade, é estar presente onde existe pobreza, precariedade; é ir ao encontro dos pobres e caminhar com eles, fazer nascer a esperança, superar barreiras para juntos realizarmos algo. É ajudar os jovens a se fortalecerem para criar o homem novo à imagem de Jesus Cristo.

Continuar a missão desejada por São Vicente e Santa Luísa, é unir-se a Jesus Cristo que se fez solidário de nossa humanidade, assumindo a nossa condição humana: *“Sendo Filho de Deus, Ele mesmo se fez pobre”*. É a Páscoa de nossas vidas! *“Virai a medalha, dizia simplesmente, São Vicente, e vereis Jesus Cristo”*.

A cada dia, cabe a nós repetir para melhor vivê-la.

Irmã Marie-Pierre DEFAY
Filha da Caridade

BEATIFICAÇÃO

**MARGARIDA RUTAN!
A PALAVRA DE DEUS,
LUZ E FORÇA EM SUA VIDA!**

Introdução

Em 1756, Margarida Rutan engaja-se na Companhia das Filhas da Caridade para trabalhar nos lugares onde a vida é precária e ameaçada, para estar próxima e servir àqueles que sofrem ou que a história marginaliza ou exclui. No seguimento de Cristo, ela quer suscitar a vida e a caridade ao redor de si. Durante uns vinte anos, coloca a serviço dos mais pobres sua rica personalidade, seu saber profissional, sua criatividade, isto em diferentes lugares.

Em 1779, seus superiores lhe confiam o serviço de uma comunidade no Hospital de Dax. Durante dez anos, Margarida e suas Irmãs desenvolvem laços de amizade fraterna com toda a população da cidade que lhes manifestam consideração, respeito e admiração.

Em 1789, um período conturbado começa: a Revolução que transtornará profundamente o país e atingirá pessoalmente Margarida, lhe fazendo conhecer o sofrimento e a morte. É a fidelidade a Cristo e à Igreja que conduzirá Margarida ao martírio. Com efeito, a vida de Margarida está profundamente ancorada na pessoa de Cristo e em sua Palavra. Cada dia, à escuta de sua Palavra, ela fazia a experiência do Amor de Deus que fascinava seu ser em profundidade e a impulsionava a servir, como Ele.

1) *No seguimento de Cristo, Servo de seus irmãos*, Margarida, ajoelhada para lhes lavar os pés, deu a sua vida para servir os pobres, os doentes e construir com todos a fraternidade.

2) *No seguimento de Cristo, Servo da vontade do Pai*, Margarida orientou toda sua vida em referência ao Evangelho, não desejando outra coisa, senão: cumprir a vontade de Deus.

3) *No seguimento de Cristo, Servo sofredor*, desprezado, perseguido, Margarida se abandona totalmente a Deus. Durante a tormenta revolucionária, ela testemunhou seu amor até o extremo.

I - No seguimento de Cristo, Servo de seus irmãos, Margarida deu a sua vida para servir os mais pobres e construir com todos, a fraternidade

“Eu vim não para ser servido mas para servir” (cf. Mc 10,45)

“E vós, amai-vos como eu vos tenho amado... vós sereis minhas testemunhas” (cf. Jo 13, 34-35).

O PROJETO DE DEUS

O projeto de Deus é de recapitular tudo no Cristo, é reunir todos os homens numa mesma comunidade de filhos e filhas pela adoção que Ele nos concede, e portanto, construir uma comunidade universal. Nós nos tornaremos todos irmãos e irmãs. É o que diz Jesus quando fala do Reino dos céus. O apelo ao amor se faz humildade e serviço para que o outro cresça e se torne capaz de amar: *“amai-vos como eu vos tenho amado...se alguém quiser ser o primeiro, que ele seja o último e o servo de todos”*. É o que Margarida procurava viver.

HOSPITAL DE DAX

No hospital de Dax, Margarida se doa totalmente ao serviço dos doentes e da comunidade a qual é responsável.

À imitação de Cristo, atenta a cada pessoa e participando de todo sofrimento, Margarida partilha as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas com as quais se encontra e vive. Mantém relações de proximidade e reciprocidade. Para todos, ela é como um traço de união que favorece uma vida de comunhão.

A exemplo de Jesus, curando a sogra de Pedro, os leprosos, os cegos e todos os doentes que lhe apresentavam (“Levavam a Jesus todos os doentes e ele os curava em grande número” Mc 1,32-34), Margarida acolhia os doentes com um profundo respeito e deles cuidava com competência. Deixando-se tocar no mais profundo de si mesma, suas palavras e gestos restauram, dão força e coragem para ir adiante.

No seguimento de Jesus, que tem a preocupação de reunir as pessoas marginalizadas de seu tempo, Margarida ousa acolher, no serviço do hospital, jovens grávidas e abandonadas da sociedade, que ela ajuda e acompanha, mesmo que não seja este o costume daquela época. Toma igualmente sob os seus cuidados a educação das crianças de rua, usa sua criatividade e faz construir duas pequenas salas para elas. Ela deseja suscitar a vida em todas as suas dimensões: física, psicológica, intelectual, afetiva e, acima de tudo, a vida naquilo que ela tem de mais elementar, e que é necessário para existir a cada dia, simplesmente, com dignidade humana.

À exemplo de Jesus que envia seus discípulos em missão e os prepara para serem agentes, Margarida movimenta todos os seus recursos: humanos e espirituais, para animar o estabelecimento hospitalar de Dax. Sensibiliza as pessoas, faz apelo aos mais generosos que vivem ao seu redor. Desenvolve relações de colaboração que instaura este aspecto do Evangelho, no centro das relações. Tendo recebido numerosos dons, coloca-os cuidadosamente à serviço dos doentes para melhorar sua qualidade de vida: ela faz vir de Somme lençóis para os leitos e de uma outra região da França, cortinas para as camas dos doentes.

À imitação de Cristo, todo voltado em direção ao Pai e habitado por seu amor, Margarida busca luz e força na Eucaristia diária, na oração e na meditação da Palavra de Deus. Sua relação com Cristo está em primeiro lugar. Guardava no seu coração esta palavra: “*Tudo aquilo que fizerdes ao menor dos meus, é a mim que o fareis*”, Margarida pode deixar Deus “*presente na Capela*” para o reencontrar “*presente no coração e na vida das pessoas sofredoras*”.

II – No seguimento de Cristo, Servo da Vontade do Pai, Margarida orienta toda a sua vida de acordo com o Evangelho.

“O Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, mas somente aquilo que Ele vê fazer o Pai; porque aquilo que o Pai faz, o Filho o faz, igualmente” (Jo 5, 19).

“Eu não vim para fazer a minha vontade mas, para fazer a vontade do Pai” (Jo 6,38).

1789: PRINCÍPIO DE UM PERÍODO CONTURBADO QUE VAI TRANSTORNAR A VIDA DA COMUNIDADE.

No início da Revolução Francesa é votada a Constituição Civil do Clero que prevê submeter o clero à autoridade da Nação, separando assim da autoridade do Papa. Os bispos e os párocos serão doravante escolhidos pela Nação. Eles são obrigados a prestar juramento a esta Constituição. Alguns aceitam este juramento, outros o recusam e se tornam culpados de lesar a nação e se excluem da nova ordem política.

Oito meses mais tarde, o Papa Pio VI condena esta Constituição Civil do Clero. Os católicos estão agora apreensivos pelos participantes da Revolução. O bispo de Dax, Dom Laneufville recusa prestar juramento e é substituído por outro bispo que prestou o juramento: Pedro Saurine.

Bem depressa, ele faz uma visita ao hospital, decide ocupar temporariamente a presidência da administração do hospital e nomeia um novo capelão: um padre que havia prestado o juramento.

Insensível às ameaças de Pierre Saurine, **Margarida** recusa esta Constituição. Ela quer permanecer fiel a Jesus Cristo e à Igreja, sabendo que haverá escolhas para fazer, posições a tomar: nada de comunicação com o Padre que prestou juramento e, por conseguinte, privação dos sacramentos, salvo quando o abade Lacouture, o capelão legítimo do hospital, retorna a Dax, sob toda espécie de disfarces.

Como Irmã Servente, Margarida tem consciência da necessidade de sustentar as Irmãs para que elas possam resistir ao perigo do momento e tomar decisões conforme à sua vocação, considerando diversas alternativas.

QUAL É A VONTADE DE DEUS NESTES TEMPOS CONTURBADOS ?

Crer em Deus não soluciona todos os problemas que a vida apresenta. Não se encontra nas Escrituras um sentido prescrito da vontade de Deus, particularmente para tal ou tal pessoa, nem em função de tal ou tal situação. A vontade de Deus é: fazer acontecer o seu Reino, edificar a fraternidade universal, e estabelecer, lá onde estamos, uma comunidade de irmãos e irmãs.

O discernimento comunitário

O discernimento que Margarida faz com suas Irmãs não é de procurar o projeto pessoal que Deus tem sobre elas, mas de reconhecer o que pode colaborar na construção de um Reino de irmãos. Elas devem criar o caminho a percorrer nesta situação de tormento revolucionário, exercendo sua liberdade de maneira mais fecunda.

Na situação em que vivem, as Irmãs se questionam sobre a fidelidade à sua vocação e no seu dever de estado: *“O que deveremos fazer para continuar a construir o Reino e servir os Pobres, sabendo que, neste contexto particular, as decisões que vamos tomar podem nos levar a seguir o Cristo na sua Paixão?”*. Margarida sabe que toda decisão será na ordem de um ato de fé, sobre o qual se abandona uma parte das certezas nas mãos de Deus. Margarida deve também aceitar que algumas de suas Irmãs podem, legalmente, tomar outras decisões. Lembrando-se da orientação fundamental da Comunidade, as Irmãs decidem permanecer juntas para o serviço de Cristo nos pobres e continuar a fazer crescer o amor de Deus, face à violência e o ódio.

Em 1º de janeiro de 1792, a circular da Superiora Geral, Irmã Deleau, vem confirmar sua decisão de viver com coragem e perseverança as tribulações.

Em fevereiro de 1792, uma decisão do Diretório do Departamento de Landes ordena que todos os padres residentes em Dax, que não fizeram o juramento sejam expulsos. As Irmãs sentem-se ameaçadas neste tempo, onde a religião se tornou um crime.

A SITUAÇÃO SE TORNA INQUIETANTE

Em abril de 1792, o clima fica mais tenso, a violência se amplia. O poder decreta a supressão de todas as congregações religiosas, mas as Filhas da Caridade não são, precisamente, nomeadas. Diante da gravidade da situação, a Irmã Deleau, superiora geral, as aconselha permanecer no lugar o maior tempo possível, mas é necessário preparar a distribuição das vestimentas, no caso de uma separação.

Margarida decide preparar logo os pacotes de roupas e vestimentas de cada Irmã, caso as ameaças se tornem cada vez mais perigosas. Pode-se imaginar facilmente os sentimentos de dor e inquietação, que podem levar as Irmãs ao desencorajamento, a fechar-se em si mesmas, não desejando outra coisa, senão: partir. O medo de sofrer e de morrer pode tornar difícil sua relação com Deus e com os irmãos, hesitando entre o desejo de ser fiel a Cristo e o de salvar a própria vida.

Na noite de 3 a 4 de junho de 1792, face a um sinistro rumor, as Irmãs decidem levar seus pertences particulares para casas de pessoas amigas. Infelizmente, elas são vistas. No dia seguinte, militantes revolucionários acusam as Irmãs de ter roubado o hospital e de querer abandonar os doentes. Lembrando-se de que Jesus foi acusado injustamente, as Irmãs vivem a humilhação de serem falsamente acusadas. É lançado um minucioso inquérito sobre este assunto. Após várias inspeções, o Diretor do distrito de Dax decide manter as Irmãs, porque os inquéritos provam que elas têm um comportamento irrepreensível. O

assunto é encerrado. Mas, os acontecimentos evoluem, o clima se torna ainda mais tenso e novas medidas são aplicadas.

A SITUAÇÃO SE TORNA PERIGOSA. PARTIR OU FICAR ?

A 18 de agosto de 1792, um decreto vai abolir a Companhia das Filhas da Caridade. Legalmente, as Irmãs não mais existem. Este acontecimento transtorna Margarida e suas Irmãs. Agora a questão se coloca com mais insistência: “*Poderemos continuar sendo fiéis à nossa vocação?*”.

Margarida, com certeza, convidou as Irmãs a rezar e depois lhes deu a notícia desta nova situação. As Irmãs refletem juntas e procuram a melhor escolha para fazer, à luz da Palavra de Deus. Qual? Nós não sabemos, mas podemos imaginar que elas têm sempre presente, as palavras de Jesus: “*Não há maior amor do que dar a vida por seus amigos*”, mas também “*Quem não carrega a sua cruz e não me segue não é digno de mim. Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á. Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á*” (Mt 10, 38), ou ainda “*Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é digno de mim*”.

Após ouvir a opinião de umas e de outras, a oração permite a cada uma, deixar-se guiar pelo Espírito Santo e desejam permanecer juntas para continuar até o fim o serviço dos doentes, não sabendo qual será o “até o fim”.

“Não procurando seus interesses pessoais, elas decidem constituir uma espécie de associação leiga sob o nome de “*damas da caridade*” para continuar fiéis à sua vocação. Elas mudarão a corneta por um simples lenço, cobrindo os cabelos.

O TERROR

Em setembro de 1792, o governo revolucionário decide a abolição da realeza e proclama a Primeira República. É um acontecimento importante para o país que, infelizmente conduz a uma série de massacres. É o princípio do Primeiro Terror. Os tempos são duros, as pessoas têm medo, os doentes são numerosos. Embora corram perigo, as “damas da caridade” continuam a realizar suas tarefas de maneira irrepreensível, isto, até o ano seguinte.

Em junho de 1793, o poder coloca em prática uma política de repressão, que instaura um *novo período de Terror*, desta vez mais longo, pois durará um ano inteiro. A desolação marca o País. Após Paris, a cidade de Dax começa, por sua vez, este ciclo pavoroso da violência. Qual será o futuro de Margarida e suas Irmãs?

OS ÚLTIMOS MESES DA VIDA DE MARGARIDA

Neste clima opressor, Margarida continua uma mulher livre, sua liberdade consiste em servir os Pobres, sua força é a do dom total da sua pessoa no serviço. Não procura nenhum pretexto para fugir da situação, nem astúcias para salvar sua vida; não procura o sofrimento, mas também, não foge dele. Seu testemunho exorta suas Irmãs a fazerem o mesmo. Margarida lhes ajuda a viver um amor mais forte que o apego a si mesmas, e as encoraja aos maiores sacrifícios: “*Não há maior prova de amor, do que dar a vida por seus amigos*”.

17 de setembro de 1793, a terrível *lei dos suspeitos* exige denunciar todos os “inimigos” da República, ou seja, os aristocratas e os católicos. É a porta aberta ao desencadeamento das paixões anticlericais: denúncias arbitrárias, julgamentos sumários, prisões ilegais, perseguições sangrentas.

Margarida guarda uma grande liberdade interior. Seu amor é clarividente, mas ela não contorna sua responsabilidade de Filha da Caridade junto aos doentes. Ela continua a demonstrar uma coragem apostólica, que se apoia sobre o exemplo de Jesus, dando sua vida por seus irmãos.

3 de outubro de 1793, uma nova lei exige que todas as ex-congregações religiosas femininas prestem o juramento de fidelidade à Nação, sob pena de revogação.

Margarida não quer compactuar com o erro. Em sua casa nada de meias-medidas, nem água morna, nem relaxamento e nem falta de compromisso. Ela não merece a censura que o Anjo havia feito à Igreja de Laodicéia: *“Eu conheço tuas obras, tu não és frio nem quente. Mas, porque tu és morno e não frio ou quente, eu te vomito de minha boca”* (Ap. 3, 15-16). Ao contrário, Margarida dá prova não somente do vigor, mas também do rigor. Dirão mesmo que sua decisão de continuar fiel à sua vocação, reforça seu comportamento determinado, que se caracteriza por um forte apego a Cristo e um amor generoso aos irmãos. Na realidade, o Cristo verdadeiramente humano para os outros, foi até o fim de sua humanidade de uma maneira excepcional.

III - No seguimento de Cristo, Servo Sofredor, desprezado, perseguido, Margarida se abandona totalmente a Deus.

“Minha vida ninguém a toma, sou eu que a dou”.

“Alguém vos conduzirá diante dos governadores e reis por causa de mim” (Mt 10, 18).

Em 5 outubro de 1793, Pinet, um chefe revolucionário extremamente anticlerical, chega a Dax. Ele intensifica a perseguição religiosa. As tomadas de posição de Margarida (sua recusa em prestar juramento à Nação), sua fidelidade inquebrantável à Igreja católica, atrai o desejo do chefe revolucionário de livrar-se dela. Mas, é preciso encontrar um motivo, porque ela goza de grande prestígio junto a população.

A DETENÇÃO DE MARGARIDA

No fim de dezembro de 1793, inventam um motivo para detê-la e colocá-la na prisão.

Dia 24 de dezembro de 1793, na vigília de Natal, Margarida se prepara para acolher a chegada do Senhor, o príncipe da Paz. Neste mesmo dia o Comité de segurança, armado, entra no Hospital, Margarida compreende a gravidade da situação.

Neste momento, não teria Margarida pensado na prisão de Jesus no jardim das Oliveiras: *“porque vêm me prender como um ladrão ... é agora a vossa hora”* (Lc 22, 52-53).

E, se apoderando dela, eles a conduziram para julgá-la e condená-la. Tornando-se vítima da violência e da mentira, Margarida revela a profundidade do seu interior. Na prisão, ela entra livremente na sua paixão. Sua força para resistir a toda forma de desencorajamento, testemunha que ela vive este tempo de prisão com fé e lucidez, associando todos estes fatos à Paixão de Cristo. Ela crê somente na força do amor. Deus pode fazer surgir a vida mesmo do sofrimento e da morte, porque Ele mesmo passou pelo sofrimento e pela morte. Se Ele parece ausente, é porque utiliza as armas do amor e, estas armas são insignificantes diante da explosão da violência. Esta fraqueza de Deus se torna um escândalo, mas ela é mais forte que a sabedoria dos homens.

O PROCESSO

A vida de Jesus termina por um processo injusto, a de Margarida vai conhecer o mesmo fim.

No dia 15 de janeiro de 1794, o tribunal revolucionário faz comparecer *“a senhora Rutan, de 57 anos”* para um processo.

Margarida entra na sala do tribunal, guardada por dois homens violentos que lhe submetem a insultos e ao desprezo. Objeto de zombaria e de calúnia, sob o poder de homens sem escrúpulos, Margarida perde seu prestígio.

As atitudes violentas e os semblantes irados de seus adversários exaltados, lembram a cena dos ultrajes de **Jesus** diante do Sinédrio, na noite de quinta para sexta-feira: *“Os homens que o guardavam o esbofeteavam e o maltratavam....eles proferiram contra Ele toda sorte de insultos”*. Os evangelistas nos descrevem o semblante de Jesus humilhado, impotente, desprovido de todo prestígio, onde nos é revelado o mistério do amor infinito de Deus.

Na acusação contra Margarida, o tribunal lhe reprova por tentar corromper um soldado da República e de fazer propaganda antirrevolucionária. Como Jesus foi acusado de ser um agitador político, do mesmo modo, Margarida é denunciada como antirrevolucionária, quando o verdadeiro motivo de sua prisão é uma razão religiosa, sua fidelidade intrépida à Igreja, o que indiretamente coloca em questão a autoridade civil do momento.

Sentindo-se condenada, Margarida se cala apesar de sua brilhante inteligência que lhe permite se defender. Neste momento ela está só, absolutamente só.

Não foi isto que Jesus viveu diante de Pilatos? *“E Jesus se calava”* (Mt 26, 63). Seu silêncio não é fraqueza, mas um apelo a se unir mais a Deus seu Pai e, do mesmo modo, aos homens, seus irmãos. Neste silêncio Jesus, diz novamente ao seu Pai: *“Sim, Pai, eu revelarei teu amor; meu sofrimento e minha morte revelarão a profundidade do teu amor”*.

Assim, Margarida guarda sua liberdade, não aquela de escapar-se, mas a liberdade que vai mais longe, destruindo o fechamento da violência e da injustiça.

A PRISÃO.

Durante três meses Margarida sofre a dura prova da prisão, nas condições mais difíceis. Os poderosos inimigos parecem triunfar e a tentação de trair vem, muitas vezes, no momento quando se trata de aderir ao sofrimento. O medo de sofrer enche, sem dúvida, seu coração de uma grande aflição. Se Cristo disse no seu grito de medo: *“Que este cálice se afaste de mim!”*, é fácil imaginar que Margarida tenha expressado seu medo de mulher, rezando estas mesmas palavras. Mas, o testemunho dado no dia de sua morte prova que ela permaneceu submissa à vontade do Pai, dizendo como Jesus: *“Que tua vontade seja feita!”*. Mesmo se existiu uma diferença entre os dois tempos da oração, o grito humano de Margarida se tornou uma prece de confiança.

Sem dúvida ela deixou também ressoar em seu coração esta Palavra de Deus, dirigida a Paulo: *“Eu mesmo, eu te mostrarei tudo aquilo que deverá sofrer por meu nome”* (At 9, 16). Diante de Margarida, o Cristo carregando sua cruz, lhe mostra o caminho: *“O discípulo não é maior do que seu Mestre”*. É no coração de Cristo Crucificado que Margarida coloca sua força e resiste à desesperança. Sua coragem, ligada à confiança em Deus, lhe dá a graça de viver o que tem ainda a viver. Irradiando a força do amor, ela espalha uma atmosfera de serenidade que não tem explicação, não lhe faltando ocasião para consolar as outras mulheres prisioneiras, reconfortá-las, sustentá-las, ajudando-as a guardar a confiança em Deus.

Em 1º de março de 1794, Margarida fica sabendo que as Irmãs da Comunidade (Margarida Nonique, 48 anos; Joana Chânu, 48 anos; Felicidade Raux, 32 anos; Margarida Bonnette, chamada de Irmã Vitoria, 29 anos; Ana Sophie Charpentier, 25 anos; Josefa Devienne e Juliana Bariotte) foram encarceradas, exceto a mais velha que deverá ficar para dirigir o Hospital. Presentes na mesma prisão (Convento do Carmo), as sete Irmãs são colocadas longe de sua superiora. Sabendo da notícia, Margarida não terá rezado à Virgem Maria em suas intenções, mediante este doloroso mistério?

A PROVAÇÃO DA MORTE COM O PERDÃO NO CORAÇÃO

Em 9 de abril de 1794, Margarida é condenada à morte com execução imediata. Atada pelas costas com o Padre Lannelongue, Margarida é conduzida em charrete até a praça Poyanne onde se encontra o cadafalso.

Durante o trajeto, com olhar voltado para o céu, Margarida guarda uma calma e uma coragem impressionantes, não desejando senão uma coisa: testemunhar a grandeza de Deus e da Igreja.

Assim, sua vida termina como a do Servo Sofredor, descrita por Isaías: *“Como cordeiro conduzido ao matadouro, ele não abria a boca”*. Nestes instantes terríveis, Margarida nada fala nem critica, nenhuma palavra raivosa, ela continua digna e respeitosa para com seus carrascos, unida a Cristo que, no coração da violência, amou os homens até o fim tornando-se irmão de todos: *“Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem”*.

Conta-se que Margarida subiu os degraus do cadafalso, cantando o Magnificat. Isto é possível pois, é uma oração familiar que ela conhecia de cor. Neste momento dramático, Margarida entrega sua vida nas mãos do Pai, seguindo o Cristo Sofredor, segura de que o Pai não a abandonará: *“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”*. Momentos antes de morrer, ela se “entrega” a Deus, faz um ato de abandono ao Pai, segura de que somente pelo Amor é que, no final, brilha a luz pascal da Ressurreição. Ela crê que transpondo a entrada agonizante da morte, encontrará o Cristo que a introduzirá na casa do Pai. A última palavra de Margarida é um apelo de amor.

Margarida não procurou o martírio, ela morreu porque foi fiel à sua vocação; morreu porque nas circunstâncias em que se encontrava, não podia viver sua vocação sem afrontar a morte; para dela escapar, ela poderia ter renunciado sua pertença a Cristo e a Igreja, Esposa de Cristo. O martírio de Margarida é a resposta da esposa ao martírio do esposo, e é a assinatura de toda sua vida.

Conclusão

“Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” e *“Felizes sois vós quando vos perseguirem ou disserem falsamente contra vós toda sorte de mal por causa de mim, alegrai-vos porque será grande a vossa recompensa nos Céus”* (Mt 5, 10 et 12).

“Aqueles que são perseguidos em meu nome são como os profetas que os precederam”. Esta beatitude, Margarida a viveu até o fim.

Por sua vida, Margarida nos oferece um testemunho radical de Amor, segundo o Evangelho. Ela nos ensina a viver as coisas em profundidade e a amar até o extremo do amor.

Por sua perseverança em viver seus compromissos, quaisquer que sejam as circunstâncias, ela é um modelo que renova nossa coragem nos dias e horas difíceis.

Diante das situações de injustiça que vivemos, face às múltiplas formas de violência, podemos, pela doação de nossas vidas, assumir atitudes de não-violência, de amor e de perdão, expressão mais alta do amor de Deus.

Sua fidelidade inquebrantável à Igreja nos interroga sobre nossa solidariedade com a Igreja.

O testemunho de Margarida nos associa àquele de milhões de outros mártires cristãos de todos os continentes. Ontem ou hoje, atestam a atualidade e a força do Cristo que amou os seus até o extremo.

Se não nos é pedido morrer como mártires, podemos morrer a nós mesmos e doar nossa vida, dia após dia, minuto após minuto, no cotidiano de nossa vida, à maneira da Virgem Maria, ela que fez o caminho da fé até a obscuridade do Calvário.

Portanto, no coração das provações de sua vida, a alegria evangélica inundou seu coração sabendo repetir cada dia: *“Minha alma engrandece o Senhor, meu espírito exulta em Deus meu salvador”* e passar da lamentação à glorificação de Deus.

Bem aventurada Margarida Rutan

Bem-aventurada és tu Margarida, que colocaste tuas pegadas nas de Jesus, Testemunha fiel do amor do Pai até o fim.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que viveste uma proximidade fraternal com todos.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que deste prioridade aos pobres com um amor incansável para responder aos novos apelos.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que amaste e serviste as pessoas doentes, dia após dia, ano após ano, até o fim de tua vida.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que te aproximaste das pessoas doentes com muito respeito e fé, vendo em cada uma delas um irmão, uma imagem viva do Cristo.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que escolheste a doçura e a serenidade dos fortes, renunciando ao poder do ódio, da vingança.

Bem-aventurada és tu, Margarida, que viveste a generosidade do perdão até a morte.

Bem-aventurada Margarida, tu és para nós um farol na tempestade, que testemunha a grandeza do homem e de Deus.

*IRMÃ ANNE PRÉVOST
FILHA DA CARIDADE*